



mostra de
cinema
latino-
americano
de rio grande



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul



**mostra de
cinema
latino-
americano
de rio grande**

Idealizadores



Realizadores



Apoio



Esta obra foi subsidiada por recurso do edital IFRS nº 09/2021 - Auxílio à publicação de produtos bibliográficos

Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande

Título Conselho Editorial do IFRS
Gregório Durló Grisa
Aline Terra Silveira

Organização
Raquel Andrade Ferreira Cimara Valim de Mello
Gianluca Cozza Deloize Lorenzet
Victor Pinheiro Greice da Silva Lorenzetti Andreis
Eduarda Silveira Maísa Helena Brum
Maria Cristina Caminha de Castilhos França

Coordenação
Raquel Andrade Ferreira Marília Bonzanini Bossle
Sílvia Schiedeck
Marcus André Kurtz Almança
Daniela Sanfelice
Maurício Polidoro

1ª edição Paulo Roberto Janissek
2021 Carine Bueira Loureiro
Marina Wöhlke Cyrillo
Daiane Romanzini
Viviane Diehl
João Vitor Gobis Verges

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M916

2ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande [recurso eletrônico] / Raquel Andrade Ferreira, Victor Pinheiro, Gianluca Cozza, Eduarda Silveira (Organizadores); Raquel Andrade Ferreira (Coordenadora). -- 1.ed.-- Bento Gonçalves, RS : IFRS, 2021.

1 arquivo em PDF (107 p.). : il. color.

ISBN 978-65-86734-46-1 (Livro digital)

1. Cinema - América Latina. 2. Cultura. 3. Recursos audiovisuais.
4. Arte. I. Ferreira, Raquel Andrade, org. II. Pinheiro, Victor, org. III.
Silveira, Eduarda, org. IV. Ferreira, Raquel Andrade, coord.

CDU: Ed. (online) - 791

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira – CRB 10/1933

Índice

08	Apresentação
12	Abertura no Cine Drive-in
16	Mostra principal
18	Bloco I com crítica do coletivo Teté
30	Bloco II com crítica do coletivo Teté
40	Bloco III com crítica do coletivo Teté
50	Mostras paralelas
52	Fresta
66	CineVersatil
72	Festiverd
82	Entre-Linhas
92	Fim do mundo
103	Ficha técnica



Apresentação

por Raquel Ferreira, Victor Pinheiro, Angelita Fialho Silveira

A Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande surge a partir da Mostra de Cinema OfCine, criada em 2016, para apresentar os curtas-metragens produzidos nas oficinas do projeto de extensão Oficina de Cinema OfCine, desenvolvido pelo grupo de Pesquisa Humanizar o Humano: Arte, corpo, linguagens e meio ambiente no Campus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Essas oficinas têm por objetivo fomentar produções audiovisuais na cidade de Rio Grande por meio do fornecimento de bases teóricas e práticas correspondentes a todos os setores da produção fílmica, numa perspectiva crítica frente à linguagem cinematográfica.

Em 2018, com uma programação cuidadosamente elaborada pelos organizadores para atender uma demanda há muito postulada pelo público local, a Mostra integrou às suas atividades a primeira edição do Cinemário – Seminário de Cinema. O evento visa promover a interação do público com profissionais do audiovisual de diferentes atuações, como montagem, roteiro, animação, documentário, direção, produção e fotografia para realizar palestras e workshops, para promover a discussão e a formação audiovisual. Com o objetivo inicial da apresentação pública dos curtas-metragens produzidos durante as oficinas, a Mostra logo incorporou às suas atividades a exibição de curtas-metragens nacionais selecionados pela curadoria do evento. Também, nesta edição, aconteceu a primeira mostra de filmes ao ar livre, reunindo a comunidade na rua para prestigiar produções regionais e nacionais.

Já em 2019, com o intuito de expandir a abrangência do evento, ocorre a internacionalização das atividades. Foi dado foco ao audiovisual latino-americano, tendo como referência o manifesto “Hacia un tercer cine”, lançado em 1969 pelos cineastas argentinos Fernando Solanas e Octavio Getino. No documento, instigados pelas proposições de Franz Fanon, eles bradavam pela decolonização do olhar de realizadores e fruidores cinematográficos latino-americanos e propunham um enfrentamento estético, narrativo e educativo à linguagem hollywoodiana, partindo de perspectivas

nacionais e regionais, que é retomado e reconfigurado na contemporaneidade. A perspectiva latino-americana de internacionalização do evento ressignifica a própria abordagem da produção nacional e gaúcha, que já norteava a edição de 2018. A Mostra passa a ser pensada como parte de um sistema cinematográfico mais amplo, visto que, em sua heterogeneidade, compartilha questões temáticas e estéticas, modos de produção e, sobretudo, dificuldades. O formato que integra Mostra e Seminário é mantido, bem como o propósito de divulgar e discutir o audiovisual latino-americano contemporâneo, por meio da exibição de produções e do intercâmbio com artistas, pesquisadores e realizadores da América latina.

No início de 2020, fomos surpreendidos de forma dramática com a emergência sanitária internacional sem precedentes na história recente do planeta, reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como a pandemia de covid-19. A situação nos colocou diante de novos desafios, exigindo protocolos de convivência como isolamento social e distanciamento controlado em nosso cotidiano. Isso exigiu mudanças e a redefinição de um novo formato para que esta edição pudesse acontecer respeitando os novos ritos de convivência social.

Em sua segunda edição, a Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande buscou viabilizar iniciativas cinematográficas potencialmente decolonizadoras de sujeitos e territórios – sobretudo aquelas onde os grupos subalternizados assumem o lugar de enunciação, criando as próprias obras com suas linguagens e problemáticas, além de agir de forma a elaborar narrativas contra-hegemônicas em termos de epistemologia territorial e geopolítica do conhecimento (MIGNOLO, 2003). Rastreado as intersecções entre as produções cinematográficas latino-americanas recentes, o evento elaborou a sua programação a partir de problematizações contemporâneas apontando caminhos para a sociedade que queremos construir.

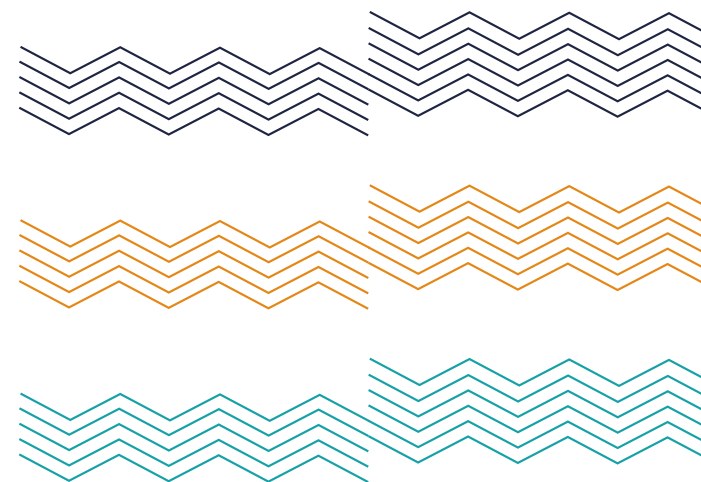
Os cinco dias de atividades contaram com uma abertura especial, seguida de uma mostra online, com a programação dividida entre mostras e lives com os realizadores. Nos anos anteriores, o registro que marcou a memória de quem passou pelo evento foi as exibições de cinema a céu aberto, integrando a comunidade e instaurando uma cultura cinematográfica popular na cidade de Rio Grande. Assim, no dia 9 de dezembro de 2020, a 2ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande realizou na sua abertura o primeiro Cine drive-in na cidade com a necessidade de suprir uma tradição de exibições ao ar livre que já vinha sendo construída em outras edições. O filme “Arábia” de João Dumans e Affonso Uchoa, foi o escolhido para dar início a programação do evento. Considerado pela crítica como a representação da volta do operário às telas brasileiras, “Arábia” conquistou o prêmio máximo na 50ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Na sequência, entre os dias 10 e 13 de dezembro, aconteceu a programação virtual em que foram apresentados doze filmes selecionados pelos curadores Lucas Honorato, Jackeline Nunes e André Berzagui. O primeiro bloco apresenta uma curadoria inteiramente brasileira com amplitude regional; o segundo, expõe em sua seleção “memórias e experiências de mundo, através da performance e da interação gestual”; e o terceiro bloco, dimensiona os “anos difíceis, os quais todos compartilhamos, em maior ou menor escala, é revigorante olhar para uma possibilidade de futuro em que nossas feridas abertas se cicatrizam”. Em função de ser um ano atípico, a Mostra abriu a possibilidade de aglutinar em sua programação projetos de cinema e audiovisual realizados por parceiros latino-americanos, como é o caso da Fresta – Mostra de audiovisual experimental (realizado pela FURG, Brasil); do Festival Internacional de Cine y Video Verde de Venezuela - Festivervd; Projeto Vídeo Entre-Linhas (UFMS, Brasil); Curtas do Fim do mundo (Seleção da Tierra del Fuego Film Commission e do Departamento Provincial de Desenvolvimento Audiovisual da Secretaria da Cultura de Ushuaia, Argentina); Festival Internacional de Cortometrajes sobre Diversidad (Argentina - CineVersatil).

Ao longo de suas edições, destacamos que a Mostra vem cumprindo seus objetivos, promovendo o acesso à formação para a produção audiovisual e dando visibilidade às produções desenvolvidas no âmbito latino-americano, bem como oportunizando a exibição de produções que dificilmente seriam assistidas pelo público das Mostras. Essa perspectiva de atuação instiga os participantes a atuarem como produtores culturais na cena local, nacional e internacional. Além disso, promove a integração com a comunidade ao oferecer exibições públicas ao ar livre dos curtas-metragens em sessões realizadas pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul Campus Rio Grande (IFRS) em parceria com o Fecomércio/SESC-RS, a Secretaria de Município da Cultura do Rio Grande, o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAVI) e a Faculdade de Cinema da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), além do apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul - FAPERGS; do Rádio na Mão - Podcast (IFRS); da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); do Coletivo Teté; e do Restaurante Apetece. A equipe agradece aos curadores pela cuidadosa e singular seleção dos filmes apresentados, aos realizadores por aceitarem participar do evento e aos autores dos textos deste catálogo pela qualidade de suas reflexões. Por fim, manifestamos todo o nosso reconhecimento àqueles que contribuíram para a realização da 2ª Mostra de Cinema Latino-Americano e na organização desta publicação.

Referências:

- MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Pensamento Límico e Saberes Subalternos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- GERINO, Octavio y SOLANAS, Fernando. *Hacia un Tercer Cine*. In: *Colección Textos Breves: A diez años de “Hacier un Tercer Cine”*. Primera Edición. México: Editado por La Filmoteca de la UNAM, 1982. Disponível em: https://www.csu.edu/~tfernandez_ulloa/TERCERCINE.pdf



Abertura no CINE DRIVE-IN

O som do sereno por Gianluca Cozza¹

“Quando o apito
Da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos
Eu me lembro de você.”²

Em agosto de 2020, a produção da mostra me comunicou que utilizaria o estacionamento da antiga estação ferroviária de Rio Grande para a exibição do Cine Drive-in. O terreno pertencente à Prefeitura foi cedido gentilmente. A escolha foi realizada por motivos pessoais por um dos produtores da mostra, Victor Pinheiro, que, como eu, escuta muitas histórias desse local.

O lugar escolhido para a realização do evento fica localizado em um espaço repleto de imaginários, e que as ruínas ainda geram sentimentos na população de Rio Grande. No passado, essa região contava com uma vila operária, uma escola, uma sede social e, mais a frente, o clube fundado por trabalhadores ferroviários, o Sport Clube São Paulo. O complexo foi desligado em 15 de março de 1968.

Entre os moradores do local, estavam minha avó e meu avô materno, ela costureira da empresa Hering e ele ferroviário da viação férrea. De todos os relatos que recebi, um em especial me conectou com as escolhas para essa exibição. Minha avó, Marlene Jorge Coelho, narra com lirismo as vezes que meu avô, Adão Enir Coelho, a buscava na porta da fábrica com uma bicicleta e um casaco. O sereno em meio ao inverno rigoroso da cidade adoecia minha avó que deixava a fábrica com o corpo quente.

Entre as pessoas de toda a equipe que participam e facilitam diariamente todo o processo de programação, cabe a mim realizar a parte que considero mais divertida: a escolha do filme.

Histórias pertencentes a qualquer cidade que possui atividades industriais como “Arábia” (2017), de Affonso Uchôa e João Dumans, nos conectam enquanto nação nas equivalências entre Ouro Preto (MG) e Rio Grande (RS). A narração em primeira pessoa costura as experiências de Cristiano, um jovem trabalhador de Ouro Preto que escreve em seu caderno suas experiências de vida, a partir de um exercício do clube de teatro da empresa em que trabalhava. Uma vida lembrada e ao mesmo tempo silenciada em um pedaço de papel constroem um arquétipo do herói brasileiro na caminhada pelas estradas em que percorreu. Nem todos se tornam o presidente da República, cabendo o destino de Cristiano, como de muitos outros trabalhadores e trabalhadoras do Brasil, o lugar do esquecimento.

¹ Bolsista de Iniciação Tecnológica PROBITI (FAPERGS)

² Canção: Três Apitos | Interpretação: Maria Bethânia | Composição: Noel Rosa



Mostra Principal

nota curatorial

A fim de montar a programação dos filmes da 2ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, propusemo-nos a olhar para a produção dos últimos 10 anos, traçando paralelos entre filmes do começo ao final da década, que discutem o momento em que foram produzidos ao mesmo tempo que propõem reflexões e possibilidades para a nossa cinematografia futura. Em meio aos ataques que a cultura e o cinema vêm sofrendo, é importante saber resistir e fazer oposição. Partindo disso, compomos os quatro dias da mostra com obras que contam com protagonistas que, de forma coletiva ou individual, engajam-se criticamente nessa luta, seja através de representações diretas do real ou por fabulações ou atravessadas por performances musicais e teatrais.

Tudo que é posse passa!

por Lucas Honorato

BLOCO I

Para realizar a Mostra em dezembro de 2020, fugimos da saturação de filmes que se repetiam em festivais e produziam certos vícios e cansaços curatoriais para trazer à tona obras dos últimos anos que não estavam tão em voga recentemente, mas ainda poderiam dialogar com o nosso momento. Seja por conexões históricas, seus efeitos, suas relações contemporâneas e até por uma produção que movimente e/ou evidencie outros caminhos, fomos tocados por uma perspectiva curatorial que se monta em constelação, onde os filmes se conectam por diversas pontes que os movimentam em associação e desassociação em seus afetos filmicos. E, mesmo pelas suas extremidades e distâncias, mantemos um cerne que responde e forma as imagens dessas constelações.

Como base, fomos instigados a programar três blocos curatoriais que expandem a programação para as outras produções latinas, para além do Brasil, que dialogasse tanto com os filmes e quanto com os espectadores. Nesse primeiro bloco, decidimos realizar uma curadoria inteiramente brasileira que nos jogasse uma amplitude regional, mas ainda conseguisse se relacionar numa perspectiva nacional. Assim, optamos por trazer como base de projeção dessa constelação um olhar para o território, instituições que os rodeiam, possuem e despossuem em conjunto com os confrontos subjetivos.

“Ta Foda” (2020) (de Aline Golart, Denis Souza, Fernanda Maciel, Icaro Castello, Lígia Torres e Victoria Sugar) curiosa e estranhamente, pelo fator de ser um filme animado, acaba sendo a obra que mais marca a sua temporalidade. O ano da produção se demarca pela urgência temática, pelas falas extraídas de discursos públicos e pela discussão gerada. Mesmo sendo uma ficção situacional e “absurdist”, a animação representa e documenta o momento do desmonte universitário da (des)gestão bolsonarista e da desvalidação intelectual na máquina pública promovido pelo ex-ministro da educação Abraham Weintraub. Na ordem dos despossuídos e das subjetividades alteradas, vemos que nem o cu da Faculdade resta, os livros se compreendem como inúteis e vemos uma entrevista fictícia de uma entregadora do delivery “IFODA” que propaga e acredita na ideia meritocrática de ascensão social. Para além das abordagens discursivas, “Ta Foda” utiliza da animação de recorte como uma espécie de aprofundamento estético de suas éticas, uma narrativa em abismo, Mise en abyme. A animação em recorte de papel e seus

espaços intercalados ajudam a evidenciar a narrativa situacional e fragmentada que essa ideologia neoliberal produz no campo prático e subjetivo.

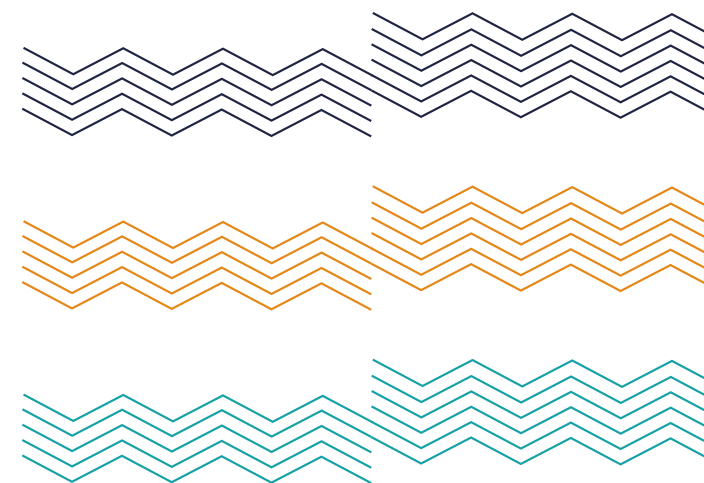
Já “Reduto” (2020), de Michel Santos, demarca como uma cultura colonizadora se entranha num imaginário social e formam narrativas que essencializam tais subjetividades humanas. Michel narra a sua relação de estranhamento com a cultura gaúcha instalada no oeste da Bahia, especialmente na cidade de Luís Eduardo Magalhães. De alguma forma, o ciclo colonizatório se reproduz. Com origem na colonização alemã e italiana proposta pelo Brasil eugenista no sul do país, a cultura gaúcha branca é vista como uma espécie de salvação produtivista para outras localidades, como o Centro Oeste brasileiro e Oeste Baiano, tal qual Michel associa a chegada dos portugueses à Pindorama. Essa formação cultural produz o orgulho de ser do Sul, de ter a pele clara e olho azul, que se associa a ideia produtivista que os grandes conglomerados do agronegócio, intensamente pontuados no filme, constitui nesse imaginário local. Em “Reduto”, o estrangeiro é constante formador de subjetividades morais enquanto controla espacialmente o território de Luís Eduardo Magalhães.

A posse, o habitar e o desabitar pontuado nesses filmes, mesmo que aparentam destacar realidades específicas, acabam expondo e ambientando uma certa relação de poder dessas estruturas aos indivíduos e suas subjetividades. Mas, para além da ambientação, do registro e da denúncia, desejamos explorar neste bloco uma certa proposição de resistência. E é nesse campo e canto da constelação que entram “À Margem das Torres” (2019), de Ton Apolinário, e “Conte Isso Àqueles Que Dizem Que Fomos Derrotados” (2018), de Aiano Bemfica, Camila Bastos, Cristiano Araújo e Pedro Maia de Brito. Essas obras aborham a fortificação coletiva e o valor do corpus coletivo perante a estrutura do Estado que desterritorializa, marginaliza e capitaliza em cima dessa desapropriação territorial e propicia uma formação de mão de obra de reserva.

“Às Margens das Torres” aborda a construção do Parque Olímpico de Madureira, no Rio de Janeiro, e traz na fala em off dos moradores as contradições do que essa “chegada civilizatória” ao subúrbio carioca representa. O Parque é construído em cima da desapropriação da Vila das Torres e da sua horta, um dos maiores

espaços de agricultura urbana que alimentava a população local, gerava empregos e era vendida no Mercado de Madureira, um dos maiores mercados abertos do Rio de Janeiro. O “progresso” é vendido pela máquina pública aliada às perspectivas neoliberais a fim de influenciar na especulação imobiliária local, num ato higienista. Pelos relatos, esse progresso traz segurança, viabiliza outros lazeres e esportes, projeta despejos, rompe vidas, afetos, trabalhos e destroça resquícios dessa produção de agricultura urbana que, livre de agrotóxicos e grandes conglomerados, acaba se opondo à lógica produtivista que “Reduto” crítica ao nomear repetitivamente as empresas que estão em sua cidade.

Se em “Ta Foda” vemos o desmonte das instituições e da venda de subjetividades, em “Conte Isso Àqueles Que Dizem Que Fomos Derrotados” vemos o quase oposto. Pouco é visto de individualidade e vemos a força na coletividade que formada pelas lanternas, um grupo que age como vagalumes resistentes na sombra da opressão contemporânea. Vemos o processo de construção, fortificação e mediação da estadia nesses territórios ocupados. Aqui temos um vislumbre de luz que a união se constitui firme e consegue permanecer e desafiar a luz oscilante da viatura policial, o punho estatal. De várias formas de ataques que vemos nesses filmes, esses produtos acabam agindo como uma espécie de ferramenta contra argumentativa na práxis, seja na formação de subjetividades contrárias a essas hegemonias ou na produção de resistência tátil, onde o cinema serve como mais um instrumento de luta anti-opressão moral, estética e territorial. O Cinema aqui tem tanta força como uma enxada, um livro, uma mangueira ou um megafone.





Tá Foda!

Aline Golart, Denis Souza, Fernanda Maciel, Icaro Castello, Lígia Torres e Victoria Sugar

Sketches documentais sobre o futuro do Brasil.

Direção: Aline Golart, Denis Souza, Fernanda Maciel, Icaro Castello, Lígia Torres e Victoria Sugar.

Roteiro: Aline Golart, Denis Souza, Fernanda Maciel, Icaro Castello, Lígia Torres e Victoria Sugar.

Produção: Denis Souza, Lígia Torres e Victoria Sugar.

Direção de Fotografia: Aline Golart

Montagem: Denis Souza e Lígia Torres

Trilha Sonora: Denis Souza

Edição de Som: Denis Souza

Direção de Arte: Icaro Castello, Lígia Torres, Fernanda Maciel e Victoria Sugar.

Animação: Aline Golart, Denis Souza, Fernanda Maciel, Icaro Castello e Lígia Torres.

Ator Principal: Henrique Torres

Atriz Principal: Amanda de Abreu

Atriz Coadjuvante: Stella Faschel

Elenco: Amanda de Abreu, Bella Kacelnikas, Fernanda Maciel, Henrique Torres e Stella Faschel.

LAMBE-LAMBE

por Fiona Maria

A vida universitária sempre carregou diversas ansiedades. Entender novos métodos de ensino e mudar-se para bem longe da cidade natal são algumas das integrantes da lista que, certamente, não chegam aos pés daquela que hoje vejo como mais angustiante: depender tão diretamente de recursos completamente incertos. Tão direta quanto é a crítica proposta por “Ta Foda” (Aline Golart, Denis Souza, Fernanda Maciel, Icaro Castello, Lígia Torres e Victoria Sugar – 2020), que insere rapidamente o espectador numa realidade brasileira caótica de veras semelhante ao momento nacional atual.

Nos primeiros segundos, já é possível mensurar o impacto da arte para o curta: o trabalho com as cores quentes proporciona uma sequência de vermelhos e rosas distribuídos pela tela que parecem prover o contraste necessário aos outros elementos que a compõe, criando uma atmosfera divertida até os últimos momentos do filme. Após a primeira impressão, começa-se a captar mais atenciosamente as várias camadas de sons e ruídos que formam a trilha sonora e então percebemos o profundo desenvolvimento da sonoplastia que, entre labaredas, betoneiras e telefones, preenche o ambiente de dinamismo e movimento.

A composição dos planos (principalmente nos pequenos escritórios) merece destaque à parte, usando os mosaicos como ferramentas na construção de um enredo visual demasiadamente rico que transforma silhuetas em parágrafos e posiciona o espectador no alto de um edifício, como se observasse cada janelinha do prédio à frente de uma só vez.

Os detalhes que referenciam a cultura pop, como a ligeira esquete abordando a privatização da pesquisa brasileira e a

queima de livros ao som de “inúteis, nós somos inúteis”, apenas contribuem para o crescimento poético da narrativa que torna-se cada vez mais única e consegue entreter durante seus quatro minutos. Também é preciso citar a fluidez que toma a animação enquanto a faculdade é destruída, contrastando com a rigidez de outras cenas e reforçando a importância do ponto de virada para o roteiro.

Enfim, o beatbox que remixa as indignantes notícias enquanto rolam os créditos parece ser o desfecho perfeito para “Ta Foda”, curta-metragem que utiliza com maestria das possibilidades da poluição visual e sonora em sua crítica ao desmonte da educação enquanto faz belíssima homenagem ao novo movimento colagista brasileiro.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté



À margem das torres

Ton Apolinário

Vila das Torres foi uma comunidade autoconstruída à partir de uma das maiores hortas urbanas do Rio de Janeiro, abaixo das torres de energia da companhia Light e ao lado das linhas do trem. Oito anos após sua remoção para construção do Parque Madureira, ex-moradores compartilham suas memórias e os efeitos de seu apagamento no cenário urbano local.

Direção: Ton Apolinário
 Direção de Produção: Mateus Sanches Duarte
 Assistência de Direção: Eric Richter
 Direção de Fotografia: Julia Hett
 Assistência de Fotografia: Bernardo Telles
 Operação de Câmera: Julia Hett e Ton Apolinário
 Som Direto: Carlos Oliveira
 Platô: Felipe Mattos
 Identidade Visual: Mila Carneiro
 Pesquisa, Roteiro, Montagem e Produção Executiva: Bernardo Telles, Eric Richter, Julia Hett, Mateus Sanches Duarte e Ton Apolinário

Espaço e memória em “à margem das torres”

por Luiz Fernando Rodolfo

Pra quem não sabia que no Rio de Janeiro havia um parque chamado Parque Madureira, uma pesquisa rápida na internet nunca é a maneira mais confiável de saber mais. Há uma quantidade enorme de informações, links e conteúdos. Apesar disso, no filme “À Margem das Torres” (Ton Apolinário, 2019), somos lembrados que uma série de perspectivas sob a construção de espaços como este não tem o devido alcance em meio aos algoritmos. Já nos primeiros minutos, entendemos que a situação é muito complexa para ser simplesmente apontada como uma mudança positiva ou não. Aquele que para muitos possa ser visto como um dos acertos na gestão do então prefeito Eduardo Paes (novamente eleito em 2020), trouxe consigo várias consequências e implicações não resolvidas para as pessoas que ali moravam. No exato local onde há o parque, viviam milhares de pessoas, que não só residiam ali, mas dependiam daquele local para tirarem seu sustento.

O filme é livremente baseado na dissertação de uma pesquisa da UFRJ que investiga e questiona o suposto “desenvolvimento” ou “progresso” que as obras do parque trouxeram para a população local, o que reflete muito na forma como ele é construído. Há um trabalho de pesquisa que se mostra em tela, trazendo materiais e informações que nos ajudam a compor um olhar mais amplo (ou aproximado, talvez) sobre a questão. Fotos, arquivos e registros atuais são combinados de forma a compor um imaginário do que se vê nesse espaço antes e depois da construção do parque. Somado a isso, a banda sonora que acompanha o filme nos traz as ambientações e sons do bairro. Em meio a esses sons, ouvimos relatos de moradores que possuíam uma relação com aquele lugar já antes do começo das obras. Temos aquilo que há de mais sensível no filme: a dimensão dos vínculos que ali haviam e potencializa os outros elementos. A partir de um assunto principal, os realizadores combinam perspectivas sobre eles que provocam reflexões

acerca das disputas de poder pelo espaço urbano. Quem tem direito ao espaço urbano? Quem decide o que se faz nele? Por que são tomadas tais decisões? Contornando os grandes veículos de comunicação, o filme experimenta e investiga, de forma mais livre e criativa, a construção do Parque Madureira, trazendo à Pelotas, por exemplo, um registro da situação que dificilmente alcançaria aqui, mas se relaciona e diz muito da realidade de pessoas em todo país.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté



Reduto

Michel Santos

Um filme sobre imagens e imaginários.

Direção: Michel Santos

Roteiro: Emaxuel Rodrigues e Michel Santos

Montagem: Emaxuel Rodrigues e Michel Santos

Fotografia adicional: Kenner Rógis e Michel Santos

Colonizados por imagens

por Laura Frigo

Recursivo. Conceito que define o produto como fabricante da coisa que o fez, como por exemplo, no audiovisual: a sociedade constrói imagens que a constrói de volta, ainda que não percebamos seus efeitos em quem somos e em como vemos o mundo. É sobre ser esse sujeito colonizado por imagens que trata “Reduto” (2020), de Michel Santos.

Desde o início do filme, temos o personagem-narrador que constrói sua identidade através dos locais onde viveu e suas histórias, entrelaçando-as à sua própria. Traça-se, a partir daí, um paralelo entre Cachoeira e Luís Eduardo Magalhães, ambas cidades baianas. A primeira, responsável por tê-lo ajudado a compreender quem se tornou a partir da graduação em cinema e representada a partir de imagens sensíveis, silenciosas e identificáveis, feitas pelo próprio personagem.

Todavia, é sobre a construção da segunda “metade” que quero falar: constituída através de uma montagem que subverte as propagandas utilizadas para exaltar tanto o agronegócio quanto o “estilo de vida gaúcho”, o filme traz à tona as violências dessas imagens, que discriminam e exploram o telespectador.

Assim como esses trechos, que num momento exaltam o Brasil como sendo “do brasileiro e do mundo inteiro”, comemorando agrotóxicos e a expansão da monocultura, e em outros a família branca e o tradicionalismo gaúcho, a montagem de “Reduto” também é brutal. Com o uso da repetição, do zoom in e da montagem paralela para denunciar a exploração e a manipulação como algo tão intrínseco de quem as sofre que mal são notadas, tal como conhecer o nome de cinco das dez maiores empresas de agrotóxicos do mundo com tanta naturalidade quanto a de uma marca de bolacha.

ronia também é outra ferramenta importante para a construção da narrativa: enquanto ouvimos os versos do Hino da Bahia que canta “com tiranos não combinam brasileiros corações”, vemos imagens de apoio e propaganda do governo bolsonarista, que se prova tirano pelo apoio e incentivo à exploração do povo, aos agrotóxicos, desmatamento, entre outros.

Por fim, o filme conclui que, em um mundo de tantas imagens violentas, é importante ser um reduto de delicadezas, de um audiovisual que acolhe, se aproxima e se identifica com o público ao qual se dirige. Reduto, do dicionário “obra fortificada no interior de outra, com a finalidade de servir para a última resistência”, é um filme sobre o recursivo, que nos faz olhar de novo para o audiovisual que consumimos enquanto observadores e construímos enquanto profissionais da área, enxergando-o como constituinte de quem somos e dos lugares que habitamos.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté

Conte Isso Aqueles que Dizem que Fomos Derrotados

Aiano Bemfica, Camila Bastos, Cristiano Araújo e
Pedro Maia de Brito

A noite é tempo de luta (ou há um novo lugar possível
sendo avistado no horizonte).

Produção: Aiano Bemfica, Pedro Maia de Brito

Fotografia: Aiano Bemfica, Rick Mello

Roteiro: Pedro Maia de Brito

Montagem: Bersa Mendes, Pedro Maia de Brito

Empresa Produtora: Miúdo Cinematográfico

Longa jornada dentro da noite

por Adler Correa

A A escuridão faz parte da construção de Conte Isso Àqueles Que Dizem Que Fomos Derrotados durante toda sua duração, operando em diferentes camadas. Se a noite serve de cenário para a obra, é também através das sombras e vultos das pessoas que passeiam pelo quadro que o filme recusa qualquer operação que personifique os personagens enquanto protagonistas-indivíduo. Não há luz que permita distinguir rostos, nomes que se possam ouvir, nem qualquer tipo de intervenção de cartelas nas imagens. A câmera que acompanha, junta, todo um processo de ocupação* liderado pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas busca desde o início pensar o grupo como protagonista-coletivo.

Essa recusa abre mão de diversos artificios costumeiros ao cinema hegemônico ficcional e documental, onde o espaço e os corpos filmados operam em função do aparato cinematográfico para, aqui, o aparato servir aos que estão em cena. A câmera observa a organização e a divisão de tarefas como estes são feitos em seu próprio tempo e, ela própria, se implica como parte do todo com seu próprio papel a cumprir. Se uns cortam mato, outros constroem estruturas, outros montam barracas ou arrumam a cozinha, há também aqueles que filmam.

De forma semelhante a banda sonora é constituída desde o início a partir dos sons noturnos como sons de grilos, de pessoas caminhando, de um burburinho de fundo ou o próprio silêncio do mundo, cortado constantemente por uma presença à espreita – sirenes policiais podem ser ouvidas ao longe desde o plano inicial. Como na imagem, não temos aqui intervenções de músicas ou sequer construções de diálogos. A narrativa que interliga imagens e sons se mostra outra faceta da recusa inicial das tradições hegemônicas do cinema, pois é na experiência sensorial que o curta metragem de Aiano Bemfica, Camila Bastos, Cristiano Araújo e Pedro Maia de

Brito busca nos fazer vivenciar a longa noite dos movimentos por moradia, constantemente marginalizados pelas forças do Estado, distantes das luzes da dita “civilização”.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté

BLOCO II

Lembrar do corpo, escutar o gesto. por Jackeline Nunes

A partir de processos criativos coletivos em suas realizações, os filmes do bloco 2 trazem à tona memórias e experiências de mundo, através da performance e da interação gestual. Dinâmicas de grupo, jogos e coreografias resgatam relações entre o eu e o outro, são postas sob um suporte em que o cinema flerta com o videoclipe, o teatro e o musical. Percebemos as tensões narrativas e as múltiplas nuances dos personagens através do seu colocar-se diante da câmera e seu deslocamento por meio da tela que torna-se palco de seus gestos.

“Swinguerra” (2019), realizado por Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, propõe um exercício de cocriação entre três grupos de dança: Extremo, La Mafía e Passinho. Enquanto as personagens se observam e interagem em ensaios, percebemos as possíveis tensões e desejos que o encontro entre os coletivos disparam, corpos diversos disputam seu espaço nos holofotes enquanto se divertem e se desafiam. A sugestão de mise-en-scène naturalista se contrasta com sequências imersas em sonhos e estéticas videoclipticas. A direção de fotografia lança mão de planos aproximados que marcam olhares e movimentos individuais e enquadramentos distanciados que valorizam o desenho formado pelos movimentos sincronizados entre os dançarinos. Profundamente influenciada pela música popular brasileira da nossa geração e os reflexos da cultura pop mundial, a performance final do filme marcha em um campo aberto à manifestação própria de um desejo de reconhecimento dentro de uma cultura nacional, e de protagonizar a reinvenção dos espaços que ocupa.

“La Falsa Noche” (2020), filme de Jose Raúl Ortiz realizado na Escuela Internacional de Cine y Televisión (EICTV), faz a sua estreia brasileira nesse bloco enquanto reage de forma lúdica às consequências das investidas coloniais. Sobrepondo metáforas, o curta-metragem estabelece dentro de um espaço teatral uma simples crônica: uma criança, acompanha sua avó na tarefa de fazer uma sopa. Entre lições e repreensões, ao ficar sozinha, Momo é abordada por um diretor de cinema e seus capangas. Eles lhe oferecem balas e lhe vestem trajes de jogador de beisebol, mas sua avó interrompe as tentativas de sequestro sempre que retorna e chama pelo seu nome. A fábula se constrói ao comentar a invasão e impregnação de referências norte-americanas em matrizes da cultura porto-riquenha. Arquétipos como o cinema e o beisebol são ferramentas alegóricas que se contrapõem à

ancestralidade e simplicidade das palavras da avó de Momo. A atuação estilizada e as máscaras super expressivas enriquecem o universo do conto, que assume uma plasticidade estética única experimentando com luz e cor camadas de profundidade. A partir desse lugar de experimentação e tensão entre linguagens, o filme traz fôlego a outras expressões de cinema possíveis em um contexto inter-americano.

“Ensaio sobre minha mãe” (2014), de Jocimar Dias, é um curta onde a mãe do diretor protagoniza e co-cria a sua própria biografia musical costurada em atos poéticos. No princípio, Márcia surge nas águas de um batismo e canta e com uma devoção sincera. Enquanto a passagem do tempo é marcada por músicas, memórias do seu cotidiano na casa em que mora se desdobram e esvaziam. Internamente, Márcia se transforma e parece não se contentar mais com o lugar estagnado que está. A voz que explana o íntimo dá lugar ao corpo dançante da protagonista ao som da música “Venus” cantada por Lady Gaga. Sua energia e feição transformam-se totalmente e o corpo antes enrijecido pela vida doméstica desperta para uma mudança maior. Márcia foge com o essencial na mala, e surge mais uma vez de dentro das águas, cantando e recuperando o fôlego à beira de um outro lugar.

“Jogos Dirigidos” (2019), de Jonathas Andrade, é um média-metragem realizado no povoado de Várzea Queimada no sertão do Piauí. A região é habitada por diversas pessoas surdas que criaram sua própria linguagem de sinais para se comunicar. Produzido com algumas famílias de moradores, o filme engatilha dinâmicas de interação coletiva através de jogos e relatos que resgatam a memória e os sentidos de quem se apresenta e de quem observa. Majoritariamente narrado na linguagem de sinais pelos protagonistas sem tradução e descrição completa, o filme monta um glossário e cria uma didática própria que apoia a compreensão do espectador e registra a vida pelo gesto.



Ensaio Sobre Minha Mãe

Jocimar Dias

Minha mãe e seus muros sonoros. Prestes a desabar.

Direção: JOCIMAR DIAS JR.
 Produção: VITOR MEDEIROS
 Roteiro: JOCIMAR DIAS JR.
 Som Direto: VITOR KRUTER
 Direção de Arte: LUIZA DRABLE, MARLON PETER, SILVIA RUMEN
 Produção Executiva: JOCIMAR DIAS JR., VITOR MEDEIROS
 Direção de Fotografia: FILIPE TOMASSINI, SUELEN MENEZES
 Montagem: VITOR MEDEIROS
 Escola Produtora: UFF

Reassumir

por Jean Amaral

Sempre acho interessante quando um filme consegue utilizar da forma do cinema para propor reflexões sobre os personagens que ali estão representados, principalmente quando a linha da ficção e do documental se torna tênue. Contudo, penso que “Ensaio Sobre Minha Mãe” é um caso particular pelo poder que o filme exerce sobre a personagem, seja esse poder num sentido de potência, quanto de possibilidade.

O curta de Jocimar Dias Jr. se mostra como o título já diz, é uma espécie de ensaio cinematográfico sob o olhar do realizador à sua própria mãe, se estruturando de maneira episódica e cronológica, cada parte vai pensar sobre um determinado período da vida de Marcia Menezes, essa mãe que viveu um casamento infeliz e foi circundada por pensamentos e hábitos conservadores a sua volta. Uma das cartelas iniciais comunica: “um filme sobre/com Marcia Menezes”, e logo no prólogo, Marcia mergulha nas águas de uma piscina devido a um batismo. A partir daí, acompanhamos a vida da personagem e seus conflitos internos.

Embora seja um filme que proponha ensaiar sobre a vida da personagem, o que mais me chama atenção é a relação que a personagem tem com o filme em si e como o filme possibilita a ela refletir sobre os caminhos da sua própria vida. Constata-se que Marcia faz o papel dela mesma em diferentes fases de sua vida, ainda que não seja sua vida, de fato, sendo documentada em imagem, o curta ainda assim cria um cenário, uma mise-en-scène que possibilita a ela reviver aqueles momentos de novo, em forma de filme, e fazê-la refletir sobre sua realidade. A linguagem evidencia cada vez mais essa relação. A câmera opera como um olhar observador quase que impessoal, quase, se não fosse pelo o olhar ensaístico de um filho, um olhar que observa o que aquela vida poderia ter sido se não fosse as circunstâncias de pensamentos retrógrados que extraviaram

os sonhos proporcionados a essa mãe, especialmente o sonho de cantar, de se libertar dessas amarras.

O canto, aliás, me remeteu a outros dois filmes de Leon Hirszman, “Partido Alto” (1982) e “Nelson Cavaquinho” (1969), ambos acompanham a presença da música de maneira muito forte, mas cada um deles possui um sentido diferente no cantar. Enquanto que em “Partido Alto” o ato de cantar remete à celebração, em “Nelson Cavaquinho” é expurgo das dores da alma. Já no curta de Jocimar, o canto se apresenta como reflexão da própria vida, quando Marcia percebe que seu casamento já não está mais dando certo e que não é aquilo que ela quer, ela e seu marido cantam a mesma música em tempos diferentes, ela canta “o que Deus uniu não poderá jamais...” enquanto mexe em sua aliança, sua voz falha, ela repete diversas vezes o trecho e não consegue finalizar “...o homem separar.”.

Quando o curta chega em seu epílogo chamado “Há de haver algum lugar”, Marcia sai de dentro das águas da praia da mesma maneira que iniciou o curta: mergulhando nas águas do conservadorismo. Mas aqui, ao final, ela se liberta. Na praia, ela canta: “(...) um lugar deve existir, uma espécie de bazar, onde os sonhos extraviados, vão parar (...)” e o filme se faz como uma forma de retomada a própria vida e o que a vida dela pode ser dali pra frente. Essa retomada se faz no poder, na capacidade que o curta tem de possibilitar essa reflexão própria de Marcia de reviver essas ocasiões e, principalmente, retomar seu sonho de cantar, além de potencializar essas discussões com tantas outras mães do Brasil que passaram, e ainda passam, pelas mesmas coisas. “Ensaio Sobre Minha Mãe” é o cinema como retomada da vida.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté



Jogos Dirigidos

Jonathas de Andrade

O filme Jogos Dirigidos traz uma experiência de linguagem. Na comunidade de Várzea Queimada, povoado no Sertão do Piauí com cerca de 900 habitantes e um alto índice de surdos-mudos em sua população, o acesso à água e aos investimentos públicos é escasso, assim como a aprendizagem da Libras oficial. Ante todas essas dificuldades, a comunidade de surdos-mudos de Várzea Queimada criou a sua própria linguagem. O filme traz exercícios de corpo e de fala, improvisando palcos ao ar livre para depoimentos espontâneos de um grupo de 18 personagens, homens e mulheres do local. Os depoimentos, em sua maioria não traduzidos, são revisados fala a fala, ligando os gestos às palavras, sistematizando o léxico gestual de Várzea Queimada como se estivéssemos diante de um vídeo educativo que ensina uma nova língua, além do seu universo e questões próprias

Diretor: Jonathas De Andrade

Fotografia: Ivo Lopes

Segunda câmera: Camilla Freitas

Assistentes: Leandro Gomes, Wan Malta

Logger: Ivich Barrett

Produção de set: João Lucas de Souza

Som Direto: Rafael Travassos

Montagem: Tita, Fábio Costa Menezes

Assistente de edição: Erlânia Nascimento

Colorista: Fábio Costa Menezes

Intérpretes: Marcilene Barbosa, Silvana Barbosa

Produção: Vanessa Barbosa

Tritia sonora e música: Homero Basílio

Violão acústico: Rodrigo Samico

Tritia gravada em: Estúdio Fruta Pão, Olinda - PE

Foley, edição de som e mixagem: Maurício D'Orey

Elenco: Ceilina Barbosa de Carvalho, Claudiana Barbosa de Carvalho,

Cleide Evans de Araújo Barros, Denilson de Carvalho, Elizabeth Isabel da

Cruz Barbosa, Eulálio Barbosa de Carvalho, Francisco Antônio da Silva,

Francisco Ricardo de Carvalho Filho, Gildete Silva Batista, Irene Joana da

Silva, Julia Maria Barbosa, Laise de Araújo Barros, Luzia de Araújo Barros,

Manoel, Francisco de Carvalho, Manoel Sebastião Barbosa, Maura Barbosa

de Carvalho, Reginaldo João Barbosa, Solandia Isabel Barbosa.

Uma experiência de linguagem

por Lauren Mattiazzi Dilli

“Se um filme comunica um sentido, o cinema é um meio de comunicação, uma linguagem”. Essa afirmação, feita por Jacques Aumont e Michel Marie, se encontra no livro “Dicionário Teórico e Crítico de Cinema” e defende uma ideia a respeito da linguagem cinematográfica. Para além do cinema, o ser humano tem encontrado múltiplas formas de se expressar e comunicar ao longos dos séculos. Essa me parece ser uma área de grande interesse para o artista alagoano Jonathas de Andrade. Entre a fotografia, a instalação e o audiovisual, Jonathas proporciona uma investigação da linguagem através de seu trabalho, no qual “Jogos Dirigidos” (2019) faz parte.

O filme em questão foi realizado com uma comunidade surda de Várzea Queimada, no interior do Piauí, cuja paisagem de tons terrosos e clima quente nos remete ao sertão nordestino. Como parte da escassez de investimentos públicos na região, essa comunidade não obteve acesso à educação de Libras oficial e, por isso, acabou criando a sua própria linguagem. Nos 55 minutos do filme, somos convidados a adentrar em uma experiência de investigação dessa linguagem, através de dinâmicas coletivas e contação de histórias.

O grupo de 18 personagens, formado por mulheres e homens do local, compartilha histórias por meio do seu próprio código de sinais. Cada um conta uma vivência de modo espontâneo, em ambientes ao ar livre, enquanto os demais observam, atentos à narração. Há uma recorrência de temáticas nas histórias contadas, muitas vezes relacionadas ao trabalho, à família e à violência, ou até mesmo à morte. A câmera observa tanto a interpretação de quem está sinalizando quanto do grupo atento à história, e a montagem liga alguns dos gestos às palavras escritas em tela. Entretanto, por mais que o filme sistematize parte do léxico dessa comunidade, ele não busca

traduzir completamente suas falas. A proposta é investigar os sinais inventados, ao mesmo tempo em que evidencia a cultura surda.

A história da educação de surdos no mundo carrega um passado muito sombrio, de escravidão e privação de direitos humanos. Por muito tempo, a língua de sinais foi proibida, em decorrência do preconceito e da crença na oralização. Apesar disso, as línguas de sinais resistiram e são fundamentais para que os surdos possam se entender no mundo, o modificando de modo que o torne acessível às suas percepções visuais. Foi somente em 2002 que o Brasil passou a ter uma lei que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais, o que deixa claro a dimensão do abandono histórico enfrentado pela população surda.

Muito além do documental, “Jogos Dirigidos” também propõe dinâmicas grupais, com a movimentação e a integração dos corpos no espaço. As brincadeiras de esconde-esconde, cabra-cega e dança das cadeiras unem a descontração dos não-atores aos momentos de convívio lúdico do grupo, expressando um sentimento de coletividade. Os espaços de aproximação dos surdos geralmente têm sido ligados às escolas, entretanto, em Várzea Queimada, os elos são construídos na convivência do vilarejo, muitas vezes até em relações parentescas. Seja através da movimentação e expressão corporal da comunidade surda, ou dos planos, cortes e mise-en-scène do cinema, ou até mesmo da gramática e articulação do pensamento na linguagem verbal escrita (como utilizo neste texto), a experiência do expressar-se, da troca de ideias, do exercício de aprender com o outro, é fundamental para se pensar o quanto fazemos parte de um coletivo. E o quanto esse coletivo importa, afinal, não somos sujeitos isolados no mundo. Essa sensibilidade de perceber possibilidades de experimentação na realidade, nas questões ao nosso redor, realmente tem o seu encanto.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté



Swinguerra

Barbara Wagner e Benjamim de Burca

Na quadra de uma escola pública, dançarinos têm uma rotina altamente disciplinada e ensaiam sob o olhar atento do seu coreógrafo. Tensões assombram desejos pessoais, enquanto eles são observados por uma trupe rival.

DIREÇÃO: Bárbara Wagner e Benjamin de Burca

PRODUÇÃO: Dora Amorim, Júlia Machado, Thaís Vidal

ROTEIRO: Bárbara Wagner, Benjamin de Burca

EDIÇÃO: Eduardo Serrano

SOM DIRETO: Catharine Pimentel, Lucas Caminha

DIREÇÃO DE ARTE: André Antônio

EDIÇÃO DE SOM: Nicolau Domingues

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Júlia Machado

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Dora Amorim, Thaís Vidal

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA: Pedro Sotero

TRILHA SONORA: Carlos Sá

DIREÇÃO DE SOM: Caio Domingues, Nicolau Domingues

EMPRESA PRODUTORA: Ponte produções

De onde surge a dança?

por Luiz Fernando Rodolfo

“Swinguerra” (Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, 2019) é um filme cheio de tensões e muito desses tensionamentos partem do olhar entre as personagens, mostrados através do campo e do contracampo. Elas olham para a câmera e criam essas oposições diegéticas e não diegéticas, entre si e entre nós espectadores, e desse atrito que parte a experiência tanto de quem vê, quanto de quem dança. Se aquelas coreografias daqueles diferentes grupos e pessoas são também diferentes, é por se ver diferente do outro. Ainda que haja um mesmo pertencimento a esse universo de disputas de dança, de quadras e terrenos vazios na periferia, é também das ausências das oposições que surgem as formações de meninos e meninas, com suas performatividades e formas de se expressar. A competitividade não aparece como uma necessidade, mas sim um jeito de se botar à prova, de mostrar pro outro aquilo que foi internalizado no corpo e transborda. O que não impede de todos dançarem juntos também. É dessas ausências, dessas brechas de espaço, que nos é permitido dançar na pista. É daí que surge o movimento. Das fissuras de cada um em que o interno consegue se chocar com o externo. No filme, os conflitos não se limitam à separações e as separações dão margem para dançar aquilo que é vivido pelo corpo.

O que a dança e a música dizem sobre as questões sociais de sua época? Como as maneiras de ver, pensar e sentir o mundo se refletem em dança e em som? Questões assim aparecem no filme mas não por uma perspectiva de tentar apresentar um ponto ou uma ideia, mas sim de mostrar, de fazer uma apresentação em si. O ensaio aqui não aparece enquanto uma análise ou um estudo, é a preparação para o show. Um show de Recife. Do brega funk, do suíngue, do passinho. Um show de dançarinas e dançarinos que encaram a câmera e dela fazem seu espaço para registrar aquilo que vivem, e isso tudo é muito complexo. A obra não se faz só de coreografias de meninos sarrando e meninas rebolando. A construção da obra passa por isso, mas também vai muito além. A dança acontece em sonho, em ensaio, em alongamento, e para além disso, nas conversas antes de começar a se mexer e nos momentos

de fumar um com as amigas no intervalo. Esses momentos compõem de maneira tão determinante o filme e a vida de quem se insere nesse contexto de batalhas de dança, quanto a apresentação final que vemos, com figurinos combinando e jeitos de produção de videoclipe.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté



La falsa noche

Joserraúl Ortiz

Chega o dia em que Momo, um menino medroso, tem que aprender com sua avó os saberes ancestrais em um ritual de preparação da sopa milagrosa que salvou o seu avô. A insegurança de Momo chama a atenção de Jack, um mago malicioso, que aproveita da sua vulnerabilidade e o seduz com falsos truques. Preso entre essas duas grandes forças, Momo aprende sobre sua própria identidade.

Direção: Jose Raúl Ortiz

Produção: Fernanda Vidigal

Roteiro: Mateus Lana Guzzo

Fotografia: María Grazia Goya

Montagem: Emilia Vergara

Som: Marcela Navia

Elenco: Grisel Monzón (Momo), Amalia Gaute (Abuela), Tony Alonso (Jack), Luis Troetsch (Miembro Crew), Mateus Lana Guzzo (Miembro Crew), Joaquín González (Miembro Crew).

Produzido na Escuela Internacional de Cine y Televisión (EICTV)

Campo onírico

por Jean Amaral

Nos primórdios do cinema, a linguagem cinematográfica ainda não era sistematizada e moldada como é hoje. A ideia de mise-en-scène se dava em apenas uma câmera fixa e a noção de espaço se dava apenas ao que estava em campo, ou seja, a câmera ficava fixamente parada e a ação ocorria em sua frente. Conforme a história avança e o primeiro close-up ocorre, um novo código nasce através desse movimento da câmera, a movimentação torna a objetiva não mais passiva, mas ativa, e nosso olhar passeia pelos espaços cênicos dos filmes. “La Falsa Noche”, de Juan Antonio González, se apresenta na linguagem um filme que vive entre o dito Primeiro Cinema e o cinema contemporâneo.

Num formato de fábula, o curta-metragem conta a história de Momo que tenta manter sua essência e ancestralidade associada à figura de sua avó, enquanto Jack tenta convertê-lo e retirar a essência de Momo. No que diz respeito às alegorias, a fábula tece um comentário sobre o colonialismo, especialmente americano, mas o que mais me chama atenção no curta é a maneira em como os espaços dão forma as alegorias, os elementos cênicos fazem com que o curta opere num campo onírico, quase lúdico. Enquanto Momo está encenando junto com a abuela (sua avó), apenas um feixe de luz os iluminam, como se eles estivessem em um espaço metafísico. Já quando Jack está em tela, os objetos cênicos começam a fazer parte da mise-en-scène, tal qual oferecesse falsas conquistas a Momo. Quando Momo finalmente enfrenta Jack, todo o cenário muda e vemos Momo em um campo, em terra firme, sua terra, desta forma, finalmente enfrentando a realidade pelo o que ela é, saindo de um campo fabricado ou a qualquer espaço que remeta a um tipo de encenação explicitamente construído.

Se durante o primeiro cinema a linguagem priorizava uma

imagem fixa, o curta de Juan também prioriza essa escolha estética, todos os planos são filmados com a câmera estática, a diferença é que aqui o uso do plano e do contraplano fazem com que nossa noção de espaço remeta à ideia de confronto que a alegoria do curta levanta, e é justamente o plano e contraplano que torna o nosso olhar ativo no meio desses espaços. “La Falsa Noche” é um filme em que faz o olhar viajar durante o que é e o que não é, que torna o espaço cênico uma constante transformação, até tudo se tornar uma dura e real noite.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté

Feridas abertas

por André Berzagui

BLOCO III

Em 2013, Edu Yatri, dotado de uma câmera, cria um registro marcante dos acontecimentos turbulentos de junho daquele ano. A efervescência das manifestações fez com que muitos fossem às ruas e o que se objetivava no início (a diminuição do valor das passagens de ônibus) acabou se dissipando com a nova multidão que se juntava aos atos querendo denominá-lo um movimento não partidário. Em meio a isso, mandam uma mulher preta com sua bandeira ir embora, mas ela resiste e carrega em seu olhar um histórico de luta que os demais manifestantes não compreendem. Yatri, frente ao acontecimento, mantém seu enquadramento no rosto da mulher e, assim como ela, resiste àqueles que tentam ocupar tal espaço, um sinal da perseverança que seria necessário dali para frente. “Retrato nº1 povo acordado e suas 1.000 bandeiras” (2013) nos lega um pequeno registro de um momento marcante de nossa história política recente, com imagens para buscar entender os rumos que o Brasil levou até o decadente presente.

“Vigília” (2020), de Rafael dos Santos, traz o presente à tona. Ao acompanharmos Adésio, catador de papelão, nas ruas de Belo Horizonte em plena pandemia, em um trabalho totalmente desassistido. Assim, vemos o resultado do desmantelamento do país nos últimos anos. Empurrando sua charrete na contramão do tráfego dos carros, é escancarada a distinção entre aqueles que precisam pôr a própria vida em risco e aqueles que podem se salvar. Os carros passam velozes com seus vidros levantados enquanto Adésio entoava seus cânticos de fé: a crença é o que lhe resta. A desigualdade, agravada pela incapacidade do Estado em gerir a pandemia (ou talvez, o objetivo), ataca frontalmente todos os que necessitam sair de suas casas para buscar sustento. Diante disso, o ato de Santos, ao também se expor para conseguir esses registros, mostra-se necessário e corajoso.

Retornando a 2015, temos “As Mulher Pensam”, de Talita Araújo, filme em que a diretora questiona se mulheres próximas já pensaram em se matar. Os depoimentos vão sendo intercalados com relatos das rotinas de trabalho dessas pessoas. Ao fazer a pergunta para sua mãe, Talita tem como resposta: sim, e foi aí que me tornei mulher. Refletindo sobre o suicídio, “As Mulheres Pensam” mostra que a formação do sujeito — mais especificamente o feminino —, é interpelada por esses questionamentos. Ao abrir o livro “O Mito de Sísifo”, Albert

Camus afirma que a questão mais fundamental da filosofia é julgar se a vida vale ou não à pena ser vivida.

Situado cronologicamente entre os filmes anteriores, Araújo apresenta um questionamento que intersecciona gênero e classe: o sujeito é fruto de seu interior e do seu exterior (trabalho). Desde a realização do curta, direitos trabalhistas foram perdidos e o número de suicídios tem aumentado no país e no mundo. Os últimos anos foram tempestuosos, muitos direitos conquistados foram atacados frontalmente, promovendo um agravamento das desigualdades. Os três curtas mencionados acima representam algumas das feridas abertas na última década, uma odisséia homérica que, caso prossiga, é capaz de nos levar ao precipício.

O curta que fecha o terceiro bloco, “Aurora” (2018), de Everlane Moraes, apresenta três mulheres de gerações diferentes lidando com suas agruras. O filme não precisa quem são, podendo inclusive ser a mesma pessoa em tempos distintos: passado, presente e futuro. Cada mulher lida com as cicatrizes que os anos deixaram em seus corpos, a mais velha delas carrega mais marcas ao mesmo tempo que sua existência é uma profecia do futuro das demais. Mesmo em ambientes distintos, os olhares das três as unem, algo que transcende para além da idade. Em anos tão difíceis, os quais todos compartilhamos, em maior ou menor escala, é revigorante olhar para uma possibilidade de futuro em que nossas feridas abertas se cicatrizam.



Vigília

Rafael dos Santos Rocha

Enquanto a maior parte dos habitantes de Belo Horizonte protege-se dentro de suas casas contra a pandemia da covid-19, um enorme contingente de pessoas é obrigado a estar nas ruas e a trabalhar. Para muitas delas a rua é muito mais que um ponto de passagem: é a própria casa. Na vivência das ruas, as recomendações sanitárias nem sempre têm condições de serem cumpridas completamente. Mas a luta e a resistência contra o vírus também acontecem de maneiras inesperadas. Edésio José da Silva, conhecido como Veizin, é um catador de material reciclado que trabalha no centro de Belo Horizonte. Por onde passa, Edésio entoava em voz alta as canções que ele inventa pelas ruas vazias da cidade.

Direção: Rafael dos Santos Rocha
 Roteiro: Rafael dos Santos Rocha e Luisa Lanna
 Empresa produtora: N/A
 Montagem: Luisa Lanna
 Fotografia: Rafael dos Santos Rocha
 Elenco: Edésio José da Silva

Veizin e a fé contra o Corona

por Fiona Maria

O ano de 2020 trouxe mudanças arrebatadoras para a rotina da população em escala mundial. Procurando evitar o colapso dos sistemas de saúde, diversas pessoas isolaram-se até de seus mais queridos entes familiares na esperança de minimizar a duração desse período delicado. Dentre avalanches informacionais diárias, pode parecer complexo acompanhar tudo ao mesmo tempo agora e é nesse contexto que “Vigília” (Rafael dos Santos Rocha, 2020) torna-se de suma importância: apresentando ao espectador a realidade daquele que não possui o luxo de proteger-se em isolamento.

Em meio à poluição sonora de Belo Horizonte, conhecemos Edésio José da Silva, ou Veizin, catador de papelão crente no poder da fé para combater a pandemia. Durante sua rotina de trabalho nas ruas, o personagem canta para que Jesus leve o vírus embora. Através do tremilique da câmera e do barulho das motos cortando o trânsito somos diretamente inseridos ao movimento urbano acelerado que o curta-metragem propõe, conhecendo mais de perto o carisma do protagonista e o andar (ou correr) de seu carrinho.

Os belíssimos planos noturnos compõem plenamente a atmosfera documental da obra entre ruídos visuais e feixes de luz muito bem posicionados, não ficando de fora os detalhes à iluminação do dia que complementam a trama. Aqui, creio necessário destacar o trabalho da sonoplastia do filme, principalmente em relação à cantiga de Edésio, que transita pelas cenas amarrando-as umas às outras e configurando o tempo da narrativa, tornando seu ritmo extremamente característico: passamos suavemente do dia para a noite e da noite para o dia guiados pela música.

Mais do que qualquer quesito técnico que possa vir a mencionar,

o curta de Rafael dos Santos Rocha é de extrema relevância por lembrar o espectador da necessidade de pensar coletivamente não só agora, tal qual a crise que vivemos, mas a todo tempo. Por hoje e para todos, mantenha-se em isolamento social e siga as devidas recomendações de higiene.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté



Aurora

Everlane Moraes

“Aurora” é um ensaio cinematográfico que parte da premissa: o teatro como palco da vida, em que três mulheres de idades distintas re-interpretam seus conflitos no palco de um teatro abandonado. Nós assistimos Elizabeth, Mercedes e Crisálida, três mulheres negras em diferentes etapas da vida, que revivem tudo o que sofreram com a interpretação de seus próprios conflitos na forma de monólogos interiores.

Direção: Everlane Moraes

Com: Elizabeth Fuentes, Mercedes Rodríguez e Crisálida Páez

Empresa produtora: Escuela Internacional de Cine y TV

Produção: Tatiana Monge

Fotografia: Pablo Astorico

Som Direto: Bianca Martins

Montagem: Etena Cedeña

Distribuição: Matheus Meillo

Perfurar com o olhar até encontrar o toque

por Manu Zilveti

Não há palavras em “Aurora” (Everlane de Moraes, 2018), apenas olhares que observam devagar. O filme tem um tempo próprio, que se demora e inala lento. A fotografia não avança em suas personagens, pelo contrário, em seus planos abertos e sem movimentos, menina, cantora e senhora caminham para dentro da lente. Há uma troca de olhares, câmera olha para elas e elas olham de volta, perfurando a transparência da tela, que para elas opera como um espelho. O espectador atrás da janela do filme faz parte desta troca, ele olha e é olhado.

Nesta relação de sedução entre personagens, espectadores e câmera são desvelados três tempos de vida, em que entre o despertar e o adormecer das mulheres e as descobertas do olhar e do toque, articula-se uma conectividade entre as cenas, que se sucedem na continuidade do gestual das personagens, uma repete e continua o movimento da outra, se deslocando no tempo particular deste quarto que todas habitam. Nesse ambiente os móveis permanecem os mesmos, mas os corpos se alteram e são percorridos pela temporalidade. Os cabelos trançados escuros, se tornam uma peruca, que se torna cabelos brancos. O corpo envelhece, é mutilado, mas permanece vivo. Sempre se retorna ao início, num eterno recomeço, elas sempre despertam numa nova aurora. O dia nasce, envelhece e morre para na manhã seguinte despertar novamente. A folha do tabaco que mutila, volta aos lábios todavia. Ela fere, mas deixa permanecer viva.

Assim como morte e vida outras oposições se estabelecem no filme. Na imagem, camadas brancas de concreto, luz e tecido envolvem os corpos pretos das três personagens, a luminosidade que paira sob suas peles deita-se suave sobre seus corpos. No campo sonoro, estas oposições se estendem no silêncio do dia e no barulho de chuva da noite. Se a obra

começa num quase silêncio completo, aos poucos ela se deixa contaminar pelo ambiente externo, a noite chega junto com a chuva e quando amanhece é possível ouvir as crianças brincando na rua. Quando a música “Aurora” se inicia, os instrumentos tomam a cena por completo.

É construído um lugar imaculado que se deixa tocar pelo pulso do tempo e da vida. Gradualmente o filme desmorona seu universo construído, o ambiente, que de início se assemelha a um quarto, se revela um enorme aposento com grandes janelas que dão para a rua. Em seu último plano é exposto que este aposento é na realidade um palco de um teatro vazio. A encenação é suspensa e o espectador do filme se posiciona como parte desta plateia invisível.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté

Retrato N. 1 povo acordado e suas 1.000 bandeiras

Edu Yatri

Um rosto em quadro, um coro furioso fora dele. Um pequeno fragmento das manifestações de 2013 na tentativa de revelar as enormes contradições do contemporâneo.

Direção, Fotografia e Montagem: Edu Yatri

Conflitos políticos, conflitos de cena

por Adler Correa

No meio de uma aglomeração um jovem, após fitar a câmera, grita “oportunista” para alguém fora de plano. O rapaz se afasta e a lente logo se vira à procura de enquadrar o centro da agitação para revelar aquela que será a protagonista de “Retrato n.1 Povo Acordado e Suas 1000 Bandeiras”. No meio da massa, vemos um rosto preencher a tela: uma mulher negra, 57 anos, segurando uma bandeira do PSOL, enquanto um coro invade a imagem pelas bordas: “Queima bandeira! Queima bandeira!”.

Esse jogo entre campo e extracampo, representado pelo embate entre o que se vê e o que se ouve, compõe de diversas maneiras o conflito central do filme registrado por Edu Yatri Ioschpe. O confronto político constituinte das Jornadas de Junho de 2013 se apresenta aqui como uma disputa pela cena, sobre quem ocupa o primeiro plano da imagem e do som. Inicialmente a voz da militante é abafada pelos gritos da multidão que se pretende apartidária, contra a politicagem, convencido que vive um grande momento de ruptura, desinteressada pelo passado. Demandam que não haja bandeiras, vontade que a mulher negra invocando seu direito de estar ali e sua experiência de uma história de construção de lutas. A câmera fecha em seu rosto até que sua boca se agiganta na tela, desfocando todos à sua volta, e sua voz se sobressaia acima das demais. “Lutei pela ditadura, lutei pelo fora Collor antes de você nascer”.

Todo esse cenário é construído dentro de um único plano sequência, onde a montagem se constitui das reconfigurações internas ao plano e o som direto, talvez o da própria câmera, nos imerge naquele momento. No horizonte não há qualquer vislumbre de uma possível resolução ao enfrentamento, há apenas o choque. Frente a aporia dessa polarização o que o curta nos oferece é uma presença impassível. Uma presença que se recusa a deixar seu lugar, que se recusa a seguir as

ondas do povo, palavra aqui formulada desprovida de qualquer romantização utópica populista.

Talvez não haja grandes conclusões a se tirar aqui. A disputa representada pelo filme-cena continua não resolvida mesmo após seu fim. Em dado momento a câmera vira para o lado para revelar um homem, branco, talvez na casa dos 40, portando fones de ouvido, de olhar tão distante quanto sua feição. Ele está ali presenciando tudo a centímetros da militante, mas aparenta estar tão alheio a tudo, tão desinteressado pelo seu entorno. Tudo está ali anunciado. Estamos em 2020 e sabemos onde toda essa história vai dar. Nos últimos segundos de projeção ouve-se ecoar “o povo acordou” pelo coro de vozes que povo a rua.

Acordou mesmo?

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté



As Mulheres Pensam

Talita Araújo

As mulheres pensam todos os dias em como viabilizar a própria vida e todos os dias pensam em morrer também.

Direção: Talita Araújo

Elenco: Ruth Melchior, Talita Araújo, Marta Teresa Urtas e Renan Rovida

Câmera: Renan Rovida

Montagem: Márcio de Castro

Finalização de imagem e som: Lincoln Pêricles

Sopro de ar fresco

por Fiona Maria

Tão fácil e natural foi para mim identificar-me com “As Mulheres Pensam” (Talita Araújo, 2015) desde o primeiro plano; acho que não encontrei ainda curta-metragem que retrate mais fielmente a famosa sensação de “só quem vive sabe” enquanto tratando da luta feminina cotidiana. Desde pequenos detalhes assertivos como a transição de cores no título até a concepção de modo geral, creio que o filme sucede plenamente em comunicar sua mensagem de maneira tão arrebatadora quanto sensível.

De repente estamos no ônibus, mas já sentimos como se não fosse a primeira vez: compartilhamos do mesmo cansaço, da rotineira necessidade de manter-se alerta a todo tempo. Falamos sobre temas do dia a dia, mas não falamos sobre isso de forma alguma: trilhões de pensamentos intercalam-se num desabafo quieto e indignado. Será tão invisível? Como é possível que não percebam o que está acontecendo? Se percebem, como podem não ligar? Mantemos a calma, por quê?

Aqui, parablenzo o filme por utilizar da cinematografia tão brilhantemente para demonstrar tais anseios. O trabalho da sonoplastia por exemplo, apresentando ao espectador ideias que estão além das rápidas conversas entre expediente, diferenciando momentos entre tarjas. Também os planos fotográficos muito bem posicionados em locais estratégicos da rotina dessas mulheres. Em destaque, a grandeza do roteiro na representação de tantas personalidades e respostas para uma mesma pergunta.

Afinal, não posso deixar de citar o esplêndido desfecho que corrompe, estridente, o silêncio predominante da diegese: o choro angustiante da criança seguido pela tentativa de distraí-la que envolve os créditos. Mantemos a calma de novo... Por quê? É sufocante.

Acredito que esse texto terminou por não enquadrar-se no formato que costumo redigir. De fato, poderia abordar com minúcia todos os aspectos da trama, mas poucas vezes senti que algo precisava ser tão assistido e quero deixar todo espaço que conseguir para que a curiosidade proporcione que outros o conheçam. Além disso, penso que por meio dessa crítica objetivava expressar sensações acima de tudo, inspirada pela coragem da direção de Talita e que, caso tenha atingido um centésimo da profundidade de sua filosofia, já me direi satisfeita.

Para mim, pessoalmente, a vontade sempre foi fugir. Mas entre meu fugir e o morrer de outras, quantas diferenças podemos encontrar? Algumas, que nasçam de raízes próximas. Sempre soube o que eu pensava, mas agradeço “As Mulheres Pensam” por me fazer refletir acerca desse pensamento e mostrar a leveza de saber que, definitivamente, não penso sozinha.

crítica realizada em colaboração com o Coletivo Teté

The background is a solid orange color with a series of dark blue, wavy, parallel lines that curve across the frame from the top left towards the bottom right. The lines are closely spaced and create a sense of movement and depth.

Mostras paralelas

A Fresta e a produção audiovisual e artística no sul do RS

2016/2020

por Ana Maio, Giulia Castelani,
Marcelo R. Gobatto

A FRESTA – Mostra de Audiovisual Experimental é um projeto de extensão e cultura dos Cursos de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) realizado desde o ano de 2016 e idealizado pela Profa. Ana Maio e o Prof. Marcelo Gobatto, ambos do Instituto de Letras e Artes. Com periodicidade anual, recebe inscrições de trabalhos produzidos por estudantes, egressos e docentes de Artes Visuais e de outros cursos da universidade, assim como de artistas, realizadores e coletivos das diversas regiões do Brasil.

Tendo como objetivo fomentar uma produção audiovisual confluyente e conectada às artes visuais, a FRESTA, em suas cinco edições, proporciona para a região sul do estado do Rio Grande do Sul um espaço importante para a reflexão e a difusão do cinema e vídeo de tendências experimentais. Desde a primeira edição, a FRESTA exhibe obras que apontam o trânsito entre as artes e o cinema contemporâneo, através da invenção e experimentação artística. Nas últimas edições, observamos também a confluência de obras que se posicionam politicamente, a partir de conceitos emergentes e orientados pela defesa dos interesses LGBTQIA+, dos direitos das mulheres, das vidas negras, indígenas e das populações tradicionais, entre outros aspectos.

Ao longo destes anos, o apoio do Instituto de Letras e Artes, da Diretoria de Arte Cultura e da Secretaria de Comunicação da FURG foi fundamental para viabilizar a realização do projeto. Nesta trajetória, também firmamos parcerias institucionais com o Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Artes Visuais (PPGAVI) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e com os Projetos de Extensão Oficina de Cinema e Cine Clube (OfCine) e a Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, ambos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS/Campus Rio Grande).

A Mostra integra o calendário de eventos dos Cursos de Artes Visuais, realizando exposições nos meses de outubro e novembro em espaços do Prédio das Artes Visuais do Campus Carreiros da FURG. As obras são exibidas em formato de videoinstalação e videoprojeção ou, ainda, em sessões no auditório do Prédio das Artes onde ocorrem as aulas e eventos da área de cinema e vídeo dos cursos.

Além da exposição de abertura que ocorre anualmente, com o intuito de valorizar e ampliar a visibilidade das obras, a mostra promove outras ações ou itinerâncias, tais como: a InFRESTAção – atividade realizada durante o verão entre 2016 e 2020, dentro das edições da Feira do Livro da FURG na Praça Didio Duhá, no Balneário Casino; a exposição na Galeria A Sala do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (2018); a exposição na Sala Multiuso da Prefeitura do Rio Grande (2019); e a exibição da mostra na Faculdade de Belas Artes da Universidade Miguel Hernández, Altea, Espanha (2020), em parceria com o Festival Internacional de Performances Urbanas em Vídeo. Nos anos de 2019 e 2020, a FRESTA participou de atividades da 1ª e 2ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, realizadas no IFRS/Campus Rio Grande.

Histórico da Mostra

A exibição da 1ª edição da FRESTA ocorreu em janeiro de 2017 na 44ª Feira do Livro da FURG. Nessa edição, a mostra reuniu 69 obras audiovisuais, de 41 realizadores/as de diversas cidades do país, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Belém, Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas e Rio Grande.

A 2ª edição da FRESTA Mostra de Audiovisual recebeu 70 obras de 54 artistas e realizadores/as de 16 cidades brasileiras dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Pará, Goiás, entre outros. A exposição esteve aberta à visita no período de 14 a 21 de novembro de 2017, apresentando videoprojeções, videoinstalações, videoperformances, gif animado, arte sonora e sessões programadas com a exibição dos Programas Narrativo e Experimental na Sala 14.

Em 2018, a 3ª edição da FRESTA recebeu obras de 230 artistas e realizadoras/es de diferentes regiões do país. A exposição ficou aberta para visita do dia 8 a 21 de novembro. Neste período ocorreram sessões abertas dos seguintes Programas: “Insurgências”; “De repente, paisagens (Fluxos)”; “Gestos/trânsitos/alteridades”; “Nós, tantas outras (histórias de vida, histórias de mulheres)”; “Relatos, memórias e devires” e “Do cotidiano ao extraordinário”. Na programação de abertura da mostra, contamos com a participação do artista e cineasta Cao

Guimarães, que realizou o lançamento e sessão comentada do longa-metragem “Espera”, contribuindo com a formação pedagógica dos estudantes dos cursos de Artes Visuais licenciatura e bacharelado.

Na 4ª edição, em 2019, recebemos 217 obras de 169 artistas e cineastas das cinco regiões do Brasil. A equipe curatorial da FRESTA organizou os trabalhos nos seguintes programas: “Narrativas de resistências e invisibilidades”, “Sinfonias Urbanas”, “Remix”, “Lirismos”, “Experimentar o experimental”, “Corpo_Gesto_Narrativas” e “Curtas”. A programação desta edição da mostra também contou com a exposição “Fluir”, uma homenagem à artista e professora dos cursos de Artes Visuais da FURG Claudia Paim (1961-2018), exibindo seus trabalhos em vídeo, videoperformance, registro de performances e paisagem sonora.

Ainda durante a abertura da 4ª edição, nos dias 16 e 17 de outubro, os artistas e cineastas André Parente (UFRJ) e Lucas Parente (UFRJ) realizaram sessões comentadas de seus filmes e vídeos, bem como de filmes da Cooperativa dos Realizadores Cinematográficos Autônomos (CORCINA). No dia 18 de outubro houve a exibição do 1º Festival Internacional de Performances Urbanas em Vídeo (Universidade Politécnica de Valência), seguida de roda de conversa com participação das/dos professoras/es dos cursos de Artes Visuais da FURG Ana Maio, Janice Appel, Marcelo Gobatto e Claudio Tarouco. No dia 5 de novembro, ocorreu o lançamento do filme “Mirante” da produtora Osso Filmes, dirigido pelo cineasta Rodrigo John, seguido de debate com as/os presentes.

No dia 28 de novembro de 2019, em participação da programação da 1ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande do IFRS/Campus Rio Grande, houve a exibição do programa Curtas da 4ª Edição da FRESTA, seguido de roda de conversa com os membros de sua equipe Guilherme Mello e Marcelo Gobatto com mediação de Rosângela Fachel.

No período de 17 de junho a 5 de agosto de 2020, em acordo com as medidas de contingenciamento social da covid-19, a FRESTA realizou uma série de encontros semanais na página da Diretoria de Arte e Cultura (DAC/FURG) no Facebook. Essa

ação foi intitulada FRESTA.Conversa. Nas lives foram reunidas/os artistas, realizadoras/es e curadoras/es para conversar sobre o circuito de exibição do cinema e vídeo experimentais e os processos de criação de obras exibidas nas diferentes edições da mostra.

Ao realizar ações transmitidas online, a FRESTA buscou ampliar a sua difusão e alcance, cumprindo com o compromisso de partilha da cultura digital e contemporânea por meio de outras formas de interação com o público. A partir da iniciativa de buscar novas formas de compartilhamento audiovisual, no ano de 2020, com o apoio da Diretoria de Arte e Cultura e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da FURG, houve a criação do site da Mostra (www.mostrafresta.com.br).

Insurgências em Tempos de Isolamento

Dando continuidade ao atendimento às medidas de contingenciamento social, as atividades da 5ª edição da FRESTA foram realizadas de modo remoto. Na convocatória desta edição, a equipe ampliou as inscrições para contemplar artistas e realizadoras/es latino americanas/os e definiu o tema da mostra como “Insurgências em Tempos de Isolamento”, com o intuito de destacar temáticas que abordam o cotidiano em período de confinamento. Isso abriu espaço para novas audiovisualidades que possam expressar diferentes modos de perceber e compartilhar o mundo e que afirmam a necessidade do autocuidado, das re-existências e da luta contra a indiferença, o racismo e todas as formas de discriminação e violência que permeiam as sociedades.

Expressando um significativo crescimento em relação às convocatórias anteriores, em 2020, a 5ª edição da FRESTA recebeu 509 obras audiovisuais, de 423 realizadoras/es, representando 124 cidades do Brasil. Participaram 23 estados (Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe, Tocantins) e Distrito Federal. Além disso, recebemos quatro obras da Argentina e uma do Equador.

Os trabalhos aprovados foram divididos nos programas do eixo “Insurgências em tempos de isolamento” — (Re)existências em tempos de isolamento; Ensaios do Confinamento; Narrativas de resistência e invisibilidades; Vidas negras e indígenas importam — e do eixo “Tema livre” — Espaço urbano, deambulação e paisagem; Cultura digital, Remix e filme de arquivo; Experimentação Visual e Corpos: Gestos e Transgressões.

A programação da 5ª Edição da FRESTA ocorreu de 4 a 7 de novembro, com sessões dos programas, transmitidas pela página da mostra no Facebook, seguidas de lives, no canal da mostra no Youtube, com a presença de artistas e realizadores convidados para discorrer sobre diferentes tópicos relacionados às práticas insurgentes na produção audiovisual contemporânea.

Destacamos, dentre as atividades, as lives “Processos & Existência” que exibiu o álbum “Uma arqueologia do deslocamento” (2020), de Marcelo Armani, seguida de debate com o artista sonoro, compositor eletroacústico e produtor de som; “Filmar o quê?” com exibição do filme “A Casa” (2017), de Camila Leichter, que teve como convidado Leonardo Bonfim da Cinemateca Capitólio de Porto Alegre; “Vidas Negras e Indígenas Importam” com exibição dos vídeos “Maria Conga – Série Gestos” (2019), de Luanda, e “Intestino” (2020), de Giuliano Lucas. Na conversa contamos com a participação de Luanda (artista visual), Giuliano Lucas (fotógrafo, artista e ativista político), Mariana Massena (artista e antropóloga decolonial de sangue Guarani) e Paulo Ferreira (artista visual, poeta e estudante do Curso de Artes Visuais da FURG).

Na noite de encerramento tivemos a live “Audiovisualidades Insurgentes e Corporalidades Expandidas”, com a presença de Ladys Gonzales (professora de Expressão Corporal da Universidad Nacional de las Artes e cofundadora do projeto Corporalidad Expandida) e Wanda Lopez Trelles (artista intermediática-multimídia, fotógrafa, curadora e cofundadora do projeto Corporalidad Expandida), mediada por Rosângela Fachel. E, ainda, a exibição da edição inédita do vídeo “Tiny Appendix” (2020) da Banda das Garotas Instantâneas (IBG), com participação das integrantes da Banda Marion Velasco (artista visual, trabalha com atravessamentos da performance com o vídeo, a fotografia, a arte sonora, a música e a poesia) e Alice Porto (artista visual, trabalha com gravura, desenho, poesia, arte

feminista e publicações de artista), com mediação de Ana Maio e Laura Cattani.

Ensaios do confinamento na II Mostra de Cinema Latino Americano

Ainda em 2020, a FRESTA foi convidada a participar da mostra paralela da II Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande. Na oportunidade, foram exibidos os programas “Ensaios do Confinamento I e II” da 5ª edição da mostra, apresentando obras cujas temáticas, procedimentos, estéticas e narrativas confluem em ensaios visuais. Vídeos pelos quais artistas e realizadoras/es das mais variadas regiões do país — isoladas/os em suas casas devido a uma pandemia de proporções inesperadas e sob o impacto de um governo negligente e negacionista —, buscaram se expressar em meio à um período de incertezas.

O ato de utilizar pequenas câmeras para capturar imagens evanescentes e cotidianas, registrando o passar de nossas vidas efêmeras, é semelhante ao gesto de Le Prince, dos irmãos Lumière e outras/os precursoras/es do cinema ao final do século XIX. Por outro lado, observamos atualmente como a cultura digital e a convergência das mídias — com a disponibilidade e acessibilidade na aquisição de equipamentos para produção e edição de imagens tal como de dispositivos móveis com câmeras embutidas — tornaram possível que pessoas não-profissionais e não-artistas pudessem manifestar suas percepções sobre a vida e a sociedade a partir do audiovisual. O cinema e as formas do audiovisual contemporâneo rompem com um ciclo moderno onde era preciso o gênio para criar e a galeria ou o cinema comercial para exibir estas criações. Hoje, “toda gente é artista”, e é fotógrafo/a, e é cineasta, tal qual anunciavam Beuys e Oiticica. E se os blogs explodiram no início dos anos 2000, hoje emergem novas audiovisualidades com obras ensaísticas, subjetivas e pessoais.

Nos programas “Ensaios do Confinamento I e II”, percebemos a emergência de relatos que mergulham no intimismo para compartilhar narrativas do cotidiano e de memórias, como nos vídeos “Filho”, “O Tempo...”, “Memórias”, “Duas Pitadas de Sal ou um Ensaio Sobre a Inércia”, “Wabi-sabi” e “Em Concha”. Outros vídeos apresentam micronarrativas que se passam no interior e

ao entorno do ambiente doméstico (em vistas através das janelas), como em “Existem Flores no Céu de Maio”, “Suspensa”, “Tentativa de Esgotamento de um Local Pelotense”, “Amanhã Já é Segunda”, “Isolação”, “Um Saco de Lixo” e “Terça ou Quarta”.

Ao refletir sobre as novas audiovisualidades presentes nos programas “Ensaio do Confinamento I e II”, destacamos um caminho já apontado nos anos 1940 por um dos teóricos precursores do cinema, Alexandre Astruc, a respeito do cinema superar a “tirania do visual” para “se tornar um meio de expressão tão flexível e sutil como o da linguagem escrita”.

Circuitos audiovisuais em rede no sul do sul

No dia 11 de dezembro, ainda durante a programação da 2ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, foi transmitido o conversatório FRESTA com a participação de Ana Maio e Marcelo Gobatto (da coordenação da FRESTA) e de Eduarda Gonçalves (Coordenação do PPGAV-UFPEL) e a mediação de Rosângela Fachel.

Na conversa, foi possível estabelecer uma discussão sobre as características da produção audiovisual contemporânea em sua vinculação com a experimentação e com o campo das artes visuais, salientando a importância da difusão dessas obras na região sul (no sul do RS). Além da realização sistemática em Rio Grande da FRESTA desde 2016 e da Mostra de Cinema Latino-Americano desde 2019, ocorrem em Pelotas, desde 2019, o Festival Internacional de Videodança (FIVRS) e o Festival Internacional de Videoarte, vinculado ao Seminário de Pesquisa do Mestrado em Artes Visuais (SPMAV), ambos realizados pelo PPGAVI/UFPEL e coordenados por Rosângela Fachel. Estes eventos valorizam e qualificam a crescente produção audiovisual de artistas da região sul do estado do Rio Grande do Sul, explorando o potente diálogo de diferentes e variadas obras que transitam efetivamente entre variados campos da arte. Vale destacar que muitos e muitas destas realizadoras ainda estão em formação ou são egressas/os dos Cursos de Artes Visuais da FURG e UFPEL.

Desta forma, as parcerias firmadas entre a FRESTA, a Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, o FIVRS e o Festival

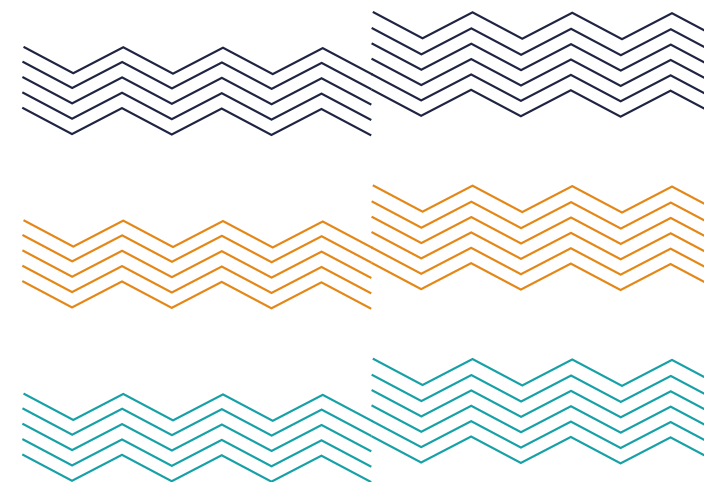
Internacional de Videoarte contribuem com a descentralização da partilha do audiovisual brasileiro e fortalecem o circuito de exibição além do eixo Rio-São Paulo. Estes eventos demonstram a importância da formação de redes e da colaboração entre indivíduos e instituições no contexto atual e é também importante destacar o fato de que são ações que integram a extensão com o ensino e a pesquisa e de que são realizados por instituições públicas (FURG/IFRS/UFPEL), com um mínimo de recursos.

Referências:

PARENTE, André. Cinema em trânsito: do dispositivo do cinema ao cinema do dispositivo. (p. 03-31). In.: Estéticas do Digital: Cinema e tecnologia. PENAFRIA, Manuela e MARTINS, Índia Mara (org.). Covilhã, Portugal: Labcom, Universidade da Beira Interior, 2007.

BAZIN, André. O Cinema: ensaios. São Paulo: Braziliense, 1991.

ASTRUC, Alexandre. O Nascimento de uma Nova Vanguarda: A Câmera-Stylo. Foco Revista de Cinema, volume no 4, julho de 2012. Acesso em 17/05/2021 Disponível em: <http://www.focorevistadecinema.com.br/FOCO4/stylo>.



2020. 3'07"



Amanhã já é segunda

Diego dos Anjos

Este filme é um experimento, produzido a partir das páginas de um diário. Nele, a narradora expõe sua jornada íntima na construção de uma poesia do cotidiano, na busca por salvar a própria vida.

2020. 3'



Isolação

Rodrigo T. Marques

Estado de quem vive isolado.

2020. 4'37"



Memórias

Thais Rani Campos de Oliveira, Thaís da Costa, Antonio dos Santos

Ilda, uma senhora de 88 anos, se depara com uma fotografia que traz à tona recordações e saudades de onde nasceu e do que viveu nesses 50 anos que vive no Rio de Janeiro. Tudo isso em meio a uma pandemia.

2020. 2'39"

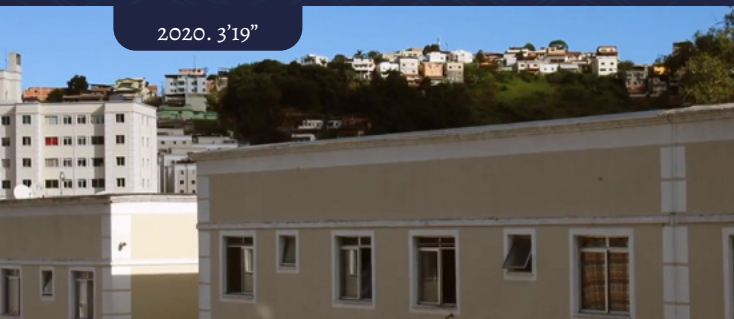


Filho

Roberto Veiga

Isolado dentro de casa há 2 meses, Bernardo começa a perceber o quão foi desatencioso com alguns sentimentos. O que ele não esperava é que ao ouvir uma antiga poesia, estaria mergulhando num verdadeiro resgate de memórias.

2020. 3'19"



Dez quilômetros por hora

Marcella do Carmo

Um retrato dos meus dias de isolamento em um apartamento de 45m², só e em conjunto, pessoas desconhecidas compartilham o mesmo espaço, separadas por finas paredes que as isolam umas das outras, mas não totalmente.

2020. 1'45"

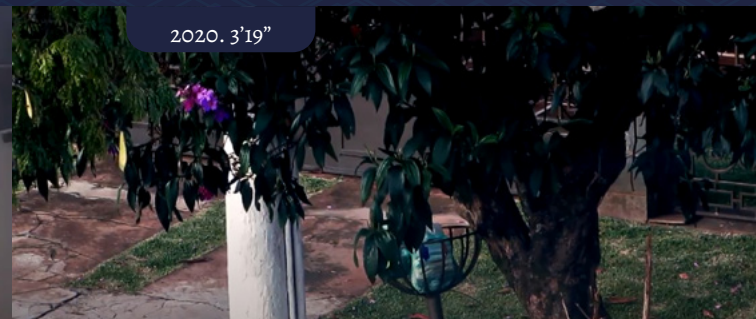


Mamãe

Alexandre Lino

Mamãe queria comemorar seu aniversário.

2020. 3'19"



um saco de lixo

Diogo Mendonça Leite

Preso em casa, um eu lírico reflete sobre um saco de lixo.

2020. 3'05"



Terça ou quarta

Paulo de Sá Vieira

Imagens cotidianas da vida de um morador de uma cidade brasileira qualquer. Pássaros, árvores, morros, carros e prédios constituem o possível e o inalcançável de um dia de semana.

2020. 2'52"



Ultravioleta

Isabella e Felipe

Um trauma coletivo está em andamento. Vivemos uma realidade dura, densa e melancólica. Presos em um agora interminável. A falta de suporte ou acolhimento nos confronta com nossas questões mais urgentes. Sentimos, moribundos, para não sucumbir. Moribundos, acolhemos o trauma.

2020. 3'40"



O tempo....

Luana Echevengú Arrieche

O Tempo... trata-se de uma investigação coreográfica entre o corpo e sua (re)materialidade por meio do audiovisual, reconhecida como um trabalho em videodança que apresenta uma narrativa não-linear, sua composição está alicerçada a partir de memórias afetivas de lugares e representações femininas. Trata-se de uma pesquisa vinculada a Pós-Graduação em Artes Visuais, na Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Processos de criação e Poéticas do Cotidiano.





2020. 1'40"

Apenas do outro lado da rua

Rafael Dayon

Ana vive uma intensa rotina de trabalho. De repente se vê dentro de casa todos os dias. Ela começa a observar um gato sempre bem acomodado na janela do outro lado da rua, ganhando um amigo de confinamento.



2020. 4'58"

Suspensa

Fran Lipinski

Uma jovem luta para retomar sua vida depois de perder seu parceiro para um mundo em que ela não se encaixa mais.



2020. 2'

Existem flores no céu de maio

Matheus Moura

Uso esse tempo pra me ver livre do que não faz mais sentido.



2020. 4'31"

Duas pitadas de sal ou um ensaio sobre a inércia

Renan Eduardo

Duas Pitadas de Sal ou Um Ensaio Sobre a Inércia é um processo experimental de montagem e som que tange temáticas do isolamento social como experiência empírico-sonora da solidão.



2020. 5'

Tentativa de esgotamento de um local pelotense

Thiago Rodeghiero

Um procedimento do inútil, onde a cidade é vista como contemplação do seu esvaziamento. Adotando os passos de Georges Perec, o esgotamento é a própria tentativa inalcançável e inatingível. Um a um, os quatro vídeos montam uma cena cotidiana de espiar pela janela e contemplar a espera.



2020. 4'07"

Em concha

Clecia Borges

Sob o olhar voltado para o isolamento social, transcreve-se através da imagem e uma narrativa poética as "frestas" que aparecem como ponto de fuga e de criação nesse momento. O uso do som dissociado da imagem, busca uma reflexão sobre como os dias e as horas e o tempo se confundem.

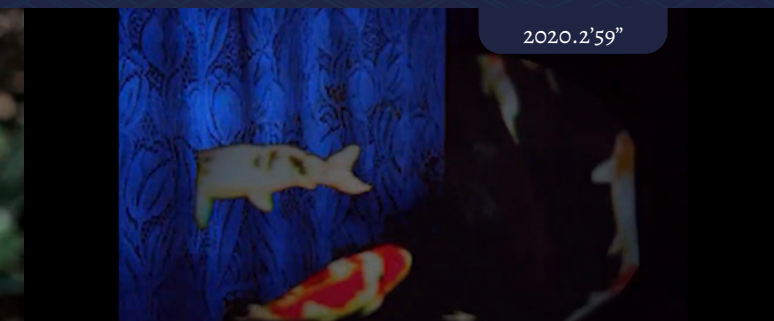


2020. 2'

aHora (un viaje al corazón de la violencia)

Sebastian Ariel Toba

"aHora" es un espejo para pensarnos en tiempos de peste, aislamiento, miseria, aprendizaje, esperanza, incertidumbre.



2020. 2'59"

Experimentos de expansão do habitat

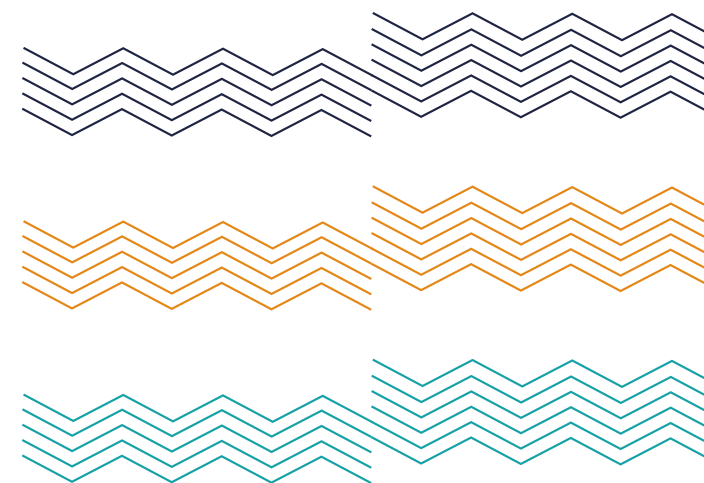
Igor da Silva Mendonça

Este trabalho é uma série de experimentos com vídeo-projeção que nasce no contexto do isolamento social e em minha busca de entender a luz e a imagem como construtoras e transformadoras mágicas de espaços. A sua prática artística se dá a partir de encontros entre afetos internos (do habitat) e os afetos externos (mundanos), caracterizando o trabalho como uma viagem subjetiva onde eu, como artista, me questiono e exponho meus desejos e inclinações. Expressando dialeticamente questões de um dentro e um fora em diversos campos. Experimentando a técnica em diversas superfícies a fim de alcançar texturas e volumes únicos.

Wabi sabi

Ana Yoneda

Wabi sabi é um conceito estético e filosófico japonês que fala sobre a valorização daquilo que é imperfeito, transitório, frugal e que sofreu a ação do tempo. Durante meu período de isolamento, ao entrar em contato com essas ideias, observei os meus entornos com afeto e percebi o quanto do meu olhar é atraído pela poesia dessas imperfeições. Este curta é uma reflexão sobre as belezas despercebidas que me cercam e também um ensaio para o meu projeto de conclusão de pós graduação.



CINEVERSATIL

Festival Internacional de Cortometrajes sobre Diversidad, Argentina

por José Alirio Peña Zerpa

Tradução de Rosângela Fachel

O CINEVERSATIL nasceu na Venezuela, em 2011, como o único festival de cinema LGBT+ de caráter competitivo. Durante sete anos, conseguiu se posicionar como a segunda festa cinematográfica mais midiática. Em 2018, trasladou-se para Buenos Aires apostando no formato do curta-metragem. Em 2019, o Espaço INCAA Quilmes e o Centro Cultural Recoleta receberam convidadas e convidados internacionais que, junto com o público, apreciaram obras nacionais e estrangeiras. Em 2020, motivado pela pandemia, o festival foi realizado de maneira online. Em 2021, continuou apostando na virtualidade sem deixar de lado a cuidadosa curadoria que o caracteriza. O público teve a oportunidade de ver, por exemplo, os primeiros curta-metragens LGBT realizados na Venezuela, em 1982, e no Chile em 1996.

Durante todo o ano, o portal cineversatil.com apresentou resenhas de longas e curtas-metragens que abordam a diversidade sexual e afetiva. E, além disso, hospeda todos os programas de rádio “CINEVERSATIL y más”, transmitidos a partir da Argentina, programa que entrevistou, entre outros realizadores, Marco Berger, Lucas Santa Ana, José Celestino Campusano, Martín Rodríguez, Martín Deus, Clarisa Navas, Carina Sama e César Bierwerth.

Nossa visão é nos constituirmos como um festival de cinema que, da Argentina para o mundo, sirva de exemplo na formação, na produção acadêmica e no ativismo cinematográfico sobre diversidade sexual e afetiva. Para isso, acreditamos que o seu propósito é oferecer uma alternativa de conscientização em matéria de diversidade sexual e afetiva por meio de um festival de cinema que une a mostra competitiva de narrativas audiovisuais em formato de curta-metragem e as novas experiências ativistas.

A primeira coisa em que pensamos quando realizamos a curadoria é na palavra diversidade. A diversidade sexual e afetiva como diferentes modos de ser e sentir. A audiência é heterogênea. Há quem prefira o documentário reivindicativo. Já outras pessoas procuram ficções românticas, humor, thrillers ou erotismo. E há, ainda, um grupo que vem tendo uma tímida aproximação aos filmes LGBT. Enquanto segue havendo pessoas que, por causa de suas crenças, se recusam a ver este tipo de cinema. A curadoria abrange todos esses grupos, mas algumas espectadoras e espectadores podem não ter sido levados em consideração. Continuaremos explorando e aprendendo. A

curadoria é um aprendizado contínuo e inacabado.

Queremos que as pessoas se conectem com a diversidade, entendida como o respeito a todas as formas de ser, sentir, pensar e dizer. E isso não significa que endossamos o pensamento intolerante e segregacionista. Pelo contrário, queremos que as pessoas encontrem no CINEVERSATIL um lugar que não incomode suas crenças, práticas religiosas ou afiliações partidárias, pois acreditamos que é possível conviver e fazer vida com outres, outras e outros. Bondade, sorrisos e respeito nunca são demais.

Vozes de liberdade

por Alejandro Jiménez Arrazquito

Tradução de Rosângela Fachel

Nesta edição da Mostra de Cinema Latino-americano de Rio Grande foi apresentada uma seleção de curtas-metragens do Festival Internacional de Cortometrajes sobre Diversidad, CINEVERSATIL, realizada com a curadoria de seu diretor, José Alirio Peña Zerpa.

A participação do CINEVERSATIL incluiu a exibição dos curtas-metragens “Uma Receita de Família” (“Una Receta Familiar”, Lucía Paz, Argentina, 2018), “Mouros na Costa” (“Moros en la Costa”, Damià Serra Cauchetiez, Espanha, 2019), “Furacão Berta” (“Huracán Berta”, Daniela Aguinisky, Argentina, 2019) e “A Suas Liberdades Asas” (“A Sus Libertades Alas”, Patricia Ríos, México, 2020); e um debate no qual tive a oportunidade de refletir sobre os trabalhos apresentados, ao lado de Rosângela Fachel, uma das organizadoras da Mostra, e de Alirio Peña. Aqui apresento um breve comentário sobre cada filme.

O curta-metragem argentino, “Uma receita de família” (Lucía Paz, 2018), apresenta três gerações de mulheres: avó, filha e neta, em um discurso feminista de liberdade sexual, reconhecimento do desejo e gozo do prazer.

Em meio a feitura de uma torta, a avó de 75 anos “sai do armário” e confessa sua atração por mulheres. Para a neta, isso é fonte de interesse e vínculo afetivo, enquanto para a filha a revelação se torna motivo de confronto com sua própria vida sexual, com sua rigidez, sua repressão e sua falta de orgasmos.

A cozinha, a receita e a preparação da torta são o espaço íntimo que facilita o encontro das três mulheres. Com um tom descontraído e com certa irreverência, a história aborda a sexualidade feminina, libertando-se da dramaticidade e da seriedade com que, geralmente, se fala sobre sexo.

“Mouros na Costa” (Damià Serra Cauchetiez, 2019) é uma produção da Escuela Superior de Cine e Audiovisuales da Cataluña que, por meio de uma engenhosa trama de enredos, conta a tragicômica história de um encontro às cegas entre dois homens que querem fazer sexo. A questão aqui é que os personagens pertencem a culturas que historicamente estiveram em conflito: os mouros e os cristãos, em um contexto racista e classista, em meio a ataques de grupos terroristas islâmicos na Espanha e em outros países europeus.

Imad, um jovem árabe de um bairro humilde, chega à casa de Ángel, um adolescente rico que ainda “vive no armário”. A avó de Ángel, uma idosa que não consegue mais falar e se move graças a uma cadeira de rodas elétrica, torna-se uma ameaça à privacidade dos jovens e, além disso, à integridade física de Imad. A avó simboliza o racismo histórico de que foram vítimas os mouros na Espanha, não por acaso ela carrega um rosário na mão direita. Depois de uma série de situações cômicas, nas quais os jovens estão a ponto de ser descobertos, as coisas se complicam, revelando até que ponto pode chegar o ódio de uma família “normal” por um imigrante do noroeste da África.

Trata-se da representação do confronto entre a religião cristã e a muçulmana, encenado em uma história íntima, na qual o encontro homossexual é o único vínculo entre as duas realidades e o “armário” e o racismo, como emblemas da rejeição social, conduzem os personagens à tragédia.

De dia, Gabriela Lorena Schiro; à noite, Berta Rodas. “Huracán Berta” (Daniela Aguirre, 2019) é um documentário argentino

que fala da autoaceitação corporal e da apropriação dos discursos de ódio, como estratégias de libertação do ser, por meio de uma personagem que consegue integrar em sua própria vida duas áreas que para o pensamento geral deveriam ser opostas: o serviço social e o espetáculo. Ao ritmo da mítica música “Vogue”, de Madonna, Berta, uma mulher gorda, posa diante de uma câmera e dança no palco segura de si mesma. Berta trabalha à noite, há treze anos, na discoteca-centro de espetáculos, Fiesta Plop, e durante o dia, como assistente social, apoiando alunas e alunos com déficit de aprendizado.

O trabalho social, diz Berta, trouxe à tona sua melhor parte, e a atuação a tirou da escuridão, das consequências do bullying que sofreu na infância e na adolescência. Trata-se de um documentário em que a personagem central se libertou dos complexos gerados pela discriminação em relação a seu corpo, aprendeu a rir de si mesma e a se apropriar do discurso de ódio e dos insultos e, com isso, desarmou a quem lhe agredia.

Berta também gravou um vídeo com a cantora peruana La Tigresa del Oriente, reafirmando a possibilidade e a importância de que se incluía a representação de outros corpos nos meios audiovisuais. Uma mulher gorda pode ser sexy. No palco, Berta também faz trabalho social ao libertar suas espectadoras e espectadores dos preconceitos que carregam. Ao mesmo tempo, seu aprendizado no palco lhe dá a segurança para afetar a vida das pessoas que atende como assistente social.

“A Suas Liberdades Asas” (Patricia Ríos, 2020) é um documentário mexicano, de curta duração (9 minutos), produzido em uma oficina ministrada pela cineasta Lucía Gajá (diretora de “Mi vida dentro”, 2007 e “Batallas íntimas”, 2016), que apresenta a experiência de três pessoas sobre a atração ou a inclinação que sentem pela maquiagem e pela estética travesti e drag queen.

As personagens, que falam desde o anonimato provocado por um contraluz, se maquiagem diante da câmera, se “transformam” para ser quem realmente são ou quem querem ser, indo em suas reflexões para além da experiência física e chegando ao tema central: o gênero. A sociedade, desde a heteronormatividade, impôs o gênero e, com ele, suprimiu a liberdade de escolha das pessoas. Uma repressão social tamanha, diz uma das

personagens, que vem provocando o julgamento das pessoas em relação a si mesmas por sua própria expressão de gênero.

A reflexão se torna uma reivindicação, aberta e direta. Reivindicação a deixar de serem julgadas por seu “sexo biológico”; à liberdade das crianças de serem e de escolherem quem querem ser, sem terem de ser definidas por gênero; à possibilidade de se identificarem como queer.

Por fim, no sentido oposto à primeira parte do documentário, o anonimato gerado pelo medo e pela proteção da segurança pessoal, começa a ser deixado de lado; as personagens tiram a maquiagem olhando para a câmera com a coragem que só tem quem “ousa” desafiar as normas de gênero.

Os curtas-metragens apresentados pela mostra CINEVERSATIL, que integrou a Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, são apenas uma amostra dos discursos audiovisuais a respeito da diversidade sexual e de gênero que, atualmente, circulam na Ibero-América; produções que estão cada vez mais preocupadas com um problema estrutural: a misoginia que subjaz a todas as formas de discriminação por orientação sexual, identidade e expressão de gênero e sua interseccionalidade com o racismo, a gordofobia, etc.



Espanha, 2019, 16'50"



Moros en la costa

Damià Serra Cauchetiez

Imad é um jovem árabe que vem de um bairro humilde. Hoje ele tem um encontro na casa de Ángel, filho de uma família rica que conheceu por meio de um aplicativo de celular. Eles estarão sozinhos e ninguém irá descobrir seu segredo.

Direção: Damià Serra Cauchetiez
Produtor: Lita Roig e Damià Serra Cauchetiez
Roteiro: Damià Serra Cauchetiez e Miguel Casanova
Música Original: Kevin Smithers
Diretor de fotografia: Gemma Roges
Montagem: Raimon Valls
Design de som: Eloy Rodríguez
Direção artística: Gemma Moreno
Elenco: Moha Amazian, Pablo Capuz, Vicky Peña, Maria Molins e Lluís Altés

Argentina, 2019, 14'50"



Huracán Berta

Daniela Aguinsky

É a estrela das Festas PLOP!, em Vorterix, mas durante o dia ela enfrenta casos difíceis sendo assistente social em Avellana. Nem tudo é brilho na vida da amada Berta Rodas.

Direção e roteiro: Daniela Aguinsky
Produção: CIC, Ana Lucía Alba, Pedro Tazedjian
Fotografia: Juan Ventura Villanueva Mendiberry, Sol Tempia
Som: Jerónimo Domínguez, Corina Safar
Montagem: Tomás Benavente e Valentino Cappelloni
Intérpretes: Berta Rodas, elenco estável e técnicos do PLOP party!

Espanha, 2019, 16'50"



Una receta familiar

Lucía Paz

Três gerações de mulheres se reúnem para jantar. Durante a cozinha, a avó Blanca manifesta que gosta de mulheres, a neta Julia investiga e Mecha, a filha, entra em crise por causa de algo que vai descobrir à noite.

Direção: Lucía Paz
Produção: Romina Mansilla
Roteiro: Florença Tundis
Fotografia: Ana Inés Pierro Reboiras
Som: José Luis Reales
Direção de Arte: Emilia González
Montagem: Sebastián Pavez

México, 2020, 9'14"



A sus libertades ala

Patricia Ríos

No abrigo de um teatro durante uma noite chuvosa, três Drag Queens refletem sobre o gênero e suas implicações sociais enquanto se maquiagem para uma atuação estelar.

Direção : Patricia Ríos
Produção: Sandra Quevedo
Direção de Fotografia: Tommy Santamaría
Operador de cámara: Jonathan Barrera, Ricardo Arechiga
Som: Rafael Romanís
Edição: Javier Romero, Andrea Hornedo
Protagonistas: Axel Vázquez, Gustavo Ortega, Andrea Romero

FESTIVERD

Festival Internacional de Cine y Video Verde de Venezuela

por José Alirio Peña Zerpa

Tradução de Rosângela Fachel

Único festival de cinema de temática ambiental com caráter competitivo na Venezuela, o FESTIVERD surgiu em 2013, sendo uma das marcas da Fundação FAMICINE. Sua principal missão é oferecer uma festa cinematográfica que convide a pensar e a refletir sobre nossa relação com o meio ambiente por meio da exibição de curtas-metragens e de experiências streaming e transmídia. Seu foco central é a população estudantil de crianças e adolescentes da Venezuela. Mas isso foi expandido a outras latitudes por conta da virtualidade da pandemia.

A história dessa festa cinematográfica começa em 22 de novembro de 2013, com a plantação de pequenos ipês amarelos na Plaza de Milla e uma exibição de curtas-metragens de animação na comunidade Manzano Bajo, no estado de Mérida. Participaram dessas atividades crianças e seus familiares, assim como representantes, colaboradoras e colaboradores e a equipe diretiva da Fundação FAMICINE.

O FESTIVERD invade escolas, universidades e espaços comunitários. E, paralelamente, vem desenvolvendo uma ampla produção acadêmica sobre questões ambientais e ecológicas em congressos, seminários e conferências, tendo uma maior participação na Colômbia e na Espanha. Em 2016, ficou em décimo primeiro lugar dentre os quinhentos ranqueados na categoria “água” dos Prêmios Latinoamérica Verde. Além disso, foi pré-selecionado entre os projetos de iniciativa social pelo Aguas Campus de España.

O FESTIVERD segue seu trabalho por iniciativa da Fundação FAMICINE e graças ao apoio e colaboração de diretores e docentes de escolas, assim como de professores universitários, que abrem suas portas para a exibição e desenvolvimento de atividades em diferentes regiões da Venezuela, como Distrito Capital, Miranda, Aragua, Carabobo, Cojedes, Mérida e Nueva Esparta. Destacamos as edições de 2013, 2014 e 2015 pelo desenvolvimento de oficinas de arte reciclada, fóruns e jogos relacionados aos temas dos curtas-metragens exibidos. E, em 2017, foram gerados guias educativos e contos infantis para apoiar as ações formativas da edição de 2018 e das seguintes.

Em março de 2020, o Festival Internacional de Cine y Video Verde de Venezuela lançou a primeira convocatória do Concurso Ambiental de Desenhos e Quadrinhos FESTIVERD 2020, voltado para crianças do ensino fundamental. As propostas finalistas foram realizadas por três meninas e dois meninos do quarto ano do ensino fundamental do estado de Miranda na categoria Quadrinhos. Com menos ou mais texto, com personagens animados, ou não, os quadrinhos visavam conscientizar sobre um recurso energético sem o qual as pessoas

não podem viver, a água. O corpo humano está composto por 60% de água, o cérebro em 70%, o sangue em 80% e os pulmões em 90%.

“Planeta Verdín” (2020) é a primeira publicação do festival na Argentina. Um livro para aprender sobre o cinema ambiental a partir do encontro de personagens reais com um personagem imaginário. A publicação aborda a aprendizagem do cinema ambiental, especificamente: o roteiro documental, o catálogo de filmes verdes de um cine clube e a logline. Destacam-se os textos escritos por crianças do Peru e da Venezuela. E, da Argentina, destaca-se a entrevista com três pessoas adultas ecologista-conservacionista de grande coração.

Educação Ambiental Biorrizomática e algumas aproximações com produções audiovisuais participantes do FESTIVERD na Venezuela

por Cláudio Tarouco Azevedo

Obrigado por estar aqui, leitora e leitor, vamos cruzar um percurso de incertezas por territórios diversos enunciados em cinco acontecimentos distintos que estão plasmados em audiovisual. Trata-se de uma escrita produzida com mediadores participantes do festival FESTIVERD, realizado na Venezuela/Argentina, não os diretores, mas os próprios curtas.

Meu contato com os filmes se deu a partir do convite da prof.^a Dr.^a Rosângela Fachel para participar de uma atividade na Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, realizada no formato online, em 2020. A live “Conversatório – Festiverd”, coordenada pela professora contou, também, com a participação de José Alirio Peña Zerpa.

Começo nossa incursão com a proposta que defino como Educação Ambiental Biorrizomática (EAB), porque se faz sempre necessário o reconhecimento da arte como conhecimento político, que me pese a redundância, e o seu caráter educacional, bem como a dimensão artística da educação. Assim, essas inter-relações manifestam um processo que se faz criativo na produção do novo que possa ocorrer. A EAB está, sobretudo, conectada com

uma perspectiva de educação que reverencie a vida, como nos ensinou Albert Schweitzer, e rizomatize, portanto, uma existência pulsante de cuidado vital, solidariedade e justiça.

É desde esse ponto de vista epistemológico que irei analisar os cinco filmes que movimentaram a conversa com José Alípio e Rosângela por ocasião da referida live. Desejo que esta escrita componha esse dispositivo poético/pedagógico capaz de mobilizar a produção de novos mundos possíveis instaurados com a arte.

“Echo” (Irã, 2020), de Barzan Rostami, é uma animação que inicia a narrativa com a imagem de uma garrafa pet encontrada por um pequeno cervo na floresta, o que nos dá ideia da presença humana naquele lugar. Na sequência... a intuição materna não falhou, mas não houve tempo para evitar a morte. Um caçador disfarçado com uma máscara de cabeça de cervo estava à espreita. Mas para que pode servir a intuição, um devir-animal que nos faz estar à espreita? “Echo” narra uma história antropocêntrica em que a potência intuitiva promove um labirinto mitológico em torno do antagonismo “caça/caçador”.

O mesmo caçador encontra a garrafa pet no seu caminho e não é capaz de recolhê-la do ambiente da floresta; ostenta na sala de sua casa uma taxidermia exibicionista de suas presas. Cabeças como a sua máscara de cervo usada para caçar. “Echo” é muito mais do que uma história de caçador, mas um alerta para o tipo de relação antropocêntrica promovida pelos humanos na relação com as outras espécies de vida. O que você pode fazer para mudar isso?

A mãe cervo sofre a perda de sua cria, quem sofrerá pela vida desprezada, pelos homeless que habitam nossas cidades, pelo permanente genocídio dos povos originários, pelos escravizados, pelos refugiados ambientais e tantos outros grupos marginalizados? Ou, ainda, como não “jogar fora” a garrafa pet ou a oportunidade de cuidar da vida? Schweitzer nos apresentou uma ética capaz de integrar em seus princípios a “reverência pela vida”. Em que medida podemos avançar de uma humanidade excessivamente combativa e predadora para uma outra mais justa e solidária?

A história segue e, desta vez, o caçador experimenta a sensação de prever acontecimentos ruins... agora, é a mãe cervo que fica olho a olho com o algoz de sua cria com a consciência do que está por vir. Para o homem, resta o desespero de perceber o perigo que o seu filho está correndo...

Em um descuido do caçador, o menino sai a brincar vestido com a máscara de cabeça de cervo. Um híbrido inocente envolvido pela ludicidade. Diferente da bala do rifle de seu pai, a criança encontra a vingança da mãe cervo nas presas de uma onça pintada. A máscara pode nos servir de diversas maneiras... Tirar a máscara e desvelar os disfarces sociais é necessário. A justiça de “Echo” lança para fora da narrativa uma outra possibilidade: que mundos possíveis podemos enunciar na experiência de reverenciar e cuidar da vida?

Nessa história de interações entre diferentes espécies animais e vegetais – porque a floresta precisa ser entendida na perspectiva do “Bem viver”, ou seja, como um ser de direitos –, fica evidente o que Nicolas Bourriaud chama de “fronteira de uma alteridade subjetiva”. Ele explica essa ideia originada dos escritos de Félix Guattari no livro “Caosmose”: “[...] a subjetividade só pode ser definida pela presença de uma outra subjetividade; ela só constitui um ‘território’ a partir de outros territórios que encontra; formação evolutiva, ela se molda pela diferença que a constitui em princípio de alteridade (2009, p. 127)”. Em “Echo”, o instinto materno de cuidado com a vida não impediu o caçador de sua investida, tampouco a percepção do mesmo caçador sobre os riscos que seu filho corria.

A mesma máscara de cervo foi elemento central dessa história de Eros e Thanatos. Por isso, o princípio de alteridade rizomatizado pela ética de reverência pela vida pode promover subjetividades desalienadas e capazes de reconhecerem na diferença do outro, seja lá qual for a sua condição, uma compreensão crítica e sensível de como prosseguir reverenciando a existência coletiva.

A cena final mostra a casa do caçador, a cabeça taxidermizada de um cervo macho é ostentada na parede externa. Seria ele o pai do pequeno cervo assassinado? Quantas garrafas pets precisaremos descartar na floresta para nos darmos conta das relações intrínsecas no biorrizoma planetário? Afinal, o que estamos a

descartar? A própria vida?

“La gota” (Espanha, 2014), de Josep Calle, é um curta realizado em stop motion. Uma gota de água cai de uma torneira, mas, de repente, ganha olhos, boca e braços que lhe ajudam na luta contra o desperdício... ou pela própria vida. Nessa antropomorfização, mais uma vez, se estabelece uma fronteira de uma “alteridade subjetiva”. A água não é um bem mineral de fontes inesgotáveis com as quais podemos assumir uma postura irresponsável. Ao contrário, precisamos reconhecer essa fronteira de “alteridade subjetiva” em que se dá a manifestação da vida.

“Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem” (KRENAK, 2019, p. 69). O indígena Ailton Krenak afirma, ainda, que não percebe “[...] onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (idem., p. 17).

Portanto, quando mudamos o curso das águas, estamos mudando o próprio curso da vida humana no planeta. No Brasil, recentemente, tem ocorrido crimes ambientais que provocam morte e dor nas comunidades ribeirinhas em localidades de extração de minério. Na última década, milhões de metros cúbicos de rejeito foram despejados em uma das maiores bacias hidrográficas do Brasil contaminando o Rio Doce e o Paraopeba, no estado de Minas Gerais. As barragens que se romperam em Mariana e Brumadinho são responsabilidade, respectivamente, das empresas Samarco e Vale.

O que se pode verificar é que as medidas mitigatórias não dão conta de reparar os danos. Ou seja, o meio de produção não compensa. As mesmas empresas que levaram trabalho para a comunidade, atualmente, presenciam a mesma comunidade soterrada, uma parcela dela morta e desaparecida em meio aos rejeitos. A perspectiva humana precisa, com urgência, considerar suas interconexões sistêmicas como nos ensina Fritjof Capra, Alberto Acosta, Luis Carlos Restrepo, Davi Kopenawa, Leonardo Boff, James Lovelock, Edgar Morin, Félix Guattari e tantos outros. Desde sempre, os povos originários já estabelecem outra maneira de viver e nos alertam sobre os perigos nefastos do antropoceno.

“La gota” contribui para o entendimento das imanências entre tudo o que existe e a tomada de consciência sobre os males do fragmentalismo sistêmico que coloca o capital à frente da qualidade de vida. A partir dessas provocações, fazemos nossas escolhas para mudar, ou não, essa realidade consumidora e mortificadora da vida. Ao cuidar da água como um ente vivo, e que nos potencializa a existência, estaremos cuidando do biorrizoma do qual somos elementos integrados.

A negação disso se aproxima de dois vetores distintos e que se retroalimentam, a saber: o de uma escolha ignorante e irresponsável de outra, assumidamente nefasta e destrutiva, que mata e se autodestrói com a possibilidade hipotética de salvação pelo domínio dos capitais de barganha. A mesma necessidade de escolha se apresenta para quem decide cuidar desse bem coletivo e precioso que é a água. Quem vai continuar fechando as torneiras para evitar desperdício? Ou melhor, para cuidar da vida?

“Regeneration” (França, 2020), de Michaël Estarque, faz lembrar o filme francês “La belle verte” (com direção de Coline Serreau, 1996), quando contextualiza alguns hábitos humanos desintegrados das demais formas de existência no planeta. Certamente são dois filmes distintos, mas com aproximações peculiares.

“Regeneration” inicia calmo, com um plano geral tingido de verde. Até que um humano aparece caminhando, se aproximando do enquadramento. Aos poucos, a narrativa avança para um contraste entre adultos e crianças... Nossa atenção é direcionada para planos fechados que enfatizam o descuido humano em três ações específicas: a mão que descarta uma garrafa plástica no chão; a mão que ceifa árvores para erguer edifícios da indústria habitacional; e a mão que mata uma abelha que tinha pousado sobre o casaco do próprio filho. O sucessivo descarte, o desmatamento servil às indústrias e o extermínio de animais não humanos falam muito da nossa espécie.

Alguma coisa acontece neste momento da película, as crianças começam a aparecer amordaçadas. A mãe que matou a abelha está com o seu filho e, carinhosamente, lhe cobre a boca com a gola alta do blusão dele. As crianças se juntam em um ato de

manifestação. Evoco, aqui, a figura de Greta Thunberg, ativista ambiental sueca, que desde seus quinze anos vem a público militar contra as mudanças climáticas. Seria este o mesmo espírito coletivo desse despertar coletivo?

Em “Regeneration” as crianças se mobilizam contra a cultura destrutiva característica do antropoceno. Com o gesto de união frente aos adultos, inclusive em oposição aos seus próprios pais, elas retiram suas mordanças anunciando um novo tempo possível. Uma era de renovação capaz de fazer nascer várias Gretas para instaurar acontecimentos no combate ao antropocentrismo capitalista avassalador.

“Koridel” (Venezuela, 2011), de Carlos Gómez, é um filme que promove uma incursão pelo cotidiano da jovem homônima que vive na zona rural Venezuelana. A narrativa apresenta a realidade cotidiana da região com suas características ecossistêmicas e socioeconômicas. A menina conserta uma pipa com seus irmãos, logo seguem para sua primeira tentativa de pesca arrastando sacos no fundo do arroio. Nos intervalos de novas tentativas a narrativa vai descortinando a vida no lugarejo.

As vacas são ordenhadas para extração do leite apreciado, também, pelas aves caturritas. O trabalho envolve a colheita de caju e a separação de suas castanhas que são reservadas para serem torradas e extraídas manualmente. O milho é outra especiaria que passa pelo cultivo e manejo até a extração dos grãos que alimentam as galinhas e as caturritas. Os gatos são outros animais que circundam a vida em meio as cantigas de Koridel.

As próximas tentativas de pescarias têm seu êxito na técnica com a linha e com as mãos, aprendizados geracionais. Koridel e seus irmãos regressam para casa em uma cena de entardecer. Ao longo do percurso vão aparecendo os personagens que estiveram conosco durante essa história, todos aqueles animais que fazem parte daquela vida de contexto rural. Ao longo de toda a narrativa, Koridel compartilhou relatos confessionais contendo suas dores, alegrias e experiências cotidianas.

No final, vemos a pipa empenada pela menina que, com ludicidade, nos apresentou a expressão da cultura local integrada

às forças da natureza e ao exercício de uma força predatória não capitalista.

Chegamos ao último filme que compôs essa sessão de curtas, “Silente” (Espanha, 2015), de Paco Ruíz. Um planeta silencioso nos é apresentado desde a perspectiva de um protagonista humano em uma floresta. Neva no ano de 2492. Anori aponta um microfone em direção a uma flor e, assim, podemos escutar, junto com ele, a manifestação sonora da vida vegetal que resiste ao inverno rigoroso. A tecnologia de um antigo gravador de fita cassette parece oportunizar a mediação sonora entre espécies. De repente algo novo acontece.

As árvores comunicam a chegada de um estrangeiro vindo dos céus. Uma reciclagem tecnológica de aparatos digitais compõe o repertório do invasor do planeta silencioso que faz Anori de refém e passa a analisá-lo. No entanto, existe uma relação de reciprocidade entre este último e as demais formas de vida em Silente. Essa relação lhe permite escapar e escutar a comunicação tecida entre o invasor e mais alguém.

A Terra é o único planeta em que há vida humana? Parece pouco provável que Silente seja o nosso planeta em 2492. Nosso futuro será vagar pelo espaço em busca de um novo planeta para saquear e destruir? Perguntas que Silente nos faz pensar: em que medida a pandemia de covid-19 também nos alerta sobre a vida na Terra? De que maneira ambientalistas como Greta nos chama a atenção para os cuidados necessários com o planeta? Quais os ensinamentos que os animais não humanos e as demais formas de vida têm para nos oferecer? Estamos conseguindo escutá-los ou precisamos desenvolver uma tecnologia sensível capaz disso? Será que já a possuímos e não estamos sabendo usá-la? Quais seriam essas tecnologias sensíveis de relação recíproca com o mundo e a vida, nossos próprios corpos em relação de cuidado mútuo com os demais corpos? São várias as questões a serem mobilizadas na direção dessa urgente e necessária retomada das relações para mudar o antropocentrismo.

Por isso proponho uma Educação Ambiental Biorrizomática problematizadora dessas relações e que contribua para a produção científica descentralizadora do humano. Em 3 de agosto de 1978 o “Manifesto do Rio Negro do Naturalismo Integral” foi

assinado pelo crítico de arte Pierre Restany e os artistas Frans Krajcberg e Sepp Baendereck. Eles afirmaram que nosso tempo ecológico é “lutar muito mais contra a poluição subjetiva do que contra a poluição objetiva – a poluição dos sentidos e do cérebro contra a queda do ar e da água”. A poluição das mentes tende a acontecer por diversos motivos, como patológicos e o desejo de poder. Um desejo de supremacia econômica que intensifica o aquecimento global, e concomitantemente, causa poluição do ar e das águas como já vimos aqui com as barragens de rejeito de minério.

Assim, o FESTIVERD se mostra como um festival potente para o exercício da EAB. Abre espaço para uma arte implicada com a melhoria da qualidade de vida no planeta e um exercício do “bem viver”. Uma arte implicada com a luta contra a poluição subjetiva do humano e capaz de promover a decolonização para as transformações sociais, mentais e ambientais necessárias. Que engendre a “reverência pela vida” como uma epistemologia de cuidado permanente em nossas práticas artísticas, educativas e de pesquisa.

A produção audiovisual do FESTIVERD carrega com ela questionamentos e valores relacionados aos contextos sociais que nos atentam para a dimensão de que toda arte é política, ou seja, resulta de escolhas humanas. As escolhas feitas nos cinco curtas foram além daquelas técnicas e de gênero narrativo, mas de uma arte audiovisual capaz de promover uma EAB que nos ajude no reconhecimento das fronteiras de “alteridade subjetiva” em que ocorram a manifestação da vida... e cuidá-la, reverenciá-la, construindo, assim, novos mundos possíveis.

Referências:

AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. Devir-animal: a experiência ético-estética e o audiovisual na produção da alteridade. In.: AM NCIO, Cardes; HEMÉRITAS, Paulo; MOREIRA, Wagner (orgs.). Cinema: políticas da imagem [e-book]. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2020.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RESTANY, Pierre; KRAJCBERG, Frans; BAENDERECK, Sepp. Manifesto do Rio Negro

¹ Disponível em: <https://www.ufmg.br/centrocultural/wp-content/uploads/2021/04/Manifesto-do-Rio-Negro-do-Naturalismo-Integral.pdf> Acesso em: 27 abr. 2021.

Venezuela, 2011, 14'59"



Koridel

Carlos Gómez de la Espriella

Koridel vive na zona rural e no seu dia a dia se dedica a “arremessar bezerros”, ou seja, é criadora de bezerros, responsável por essa tarefa dentro de uma fábrica de queijo. Também pesca, canta e gosta de comer mingau assado, colhido no seu pátio, que é também a sua aldeia.

Diretor: Carlos Gómez
Produtor: Marlen Leal e Carlos Gómez
Montagem: Carlos Gómez
Fotografia: Carlos Gómez

Espanha, 2015, 09'



Silente

Paco Ruíz

Anori é um esquimó que vive no planeta Silencioso. Por meio de seu gravador, ele grava os sons da natureza. Um dia, ele é surpreendido por um artefato caído do céu. Sua origem é desconhecida, mas acima de tudo quem o pilota.

Produtora: ESCAC
Direção: Paco Ruiz
Elenco: Héctor Molina, Dani Andreu
Roteiro: Paco Ruiz
Produtor: Carlos Solano
Fotografia: Paco Ruiz
Arte: Blanca Cuadreny
Montagem: Alvaro Trinidad
Som: Eloy Rodriguez
Música: Minuit Delacroix, Jorge Madden

Espanha, 2014, 01'39"



La gota

Josep Calle

A aventura da vida através de uma gota d'água.

Direção, roteiro e animação: Josep Calle
Fotografia e edição: Josep Calle
Música: Anatoli Nikulin

França, 2020, 02'19"



Regeneration

Michaël Estarque

O futuro pertence ao presente...

Direção: Michaël Estarque
Autor: Florian Massoulle
Produtora: Project Huntng
Fotografia: Fabien Duchamp, Sillas Samba, Lucas Genna e Alexis Cabirol
Som: Florent Corlay
Montagem: Jules Teyant
Trilha sonora: Léo Teyant
Elenco: Mikael Buxton, Emilien Fabrizio, Diane Martin, Cendrine Gourbin, Israël Williams, Louise Buisson e Guillaume Remila



Echo

Barzan Rostami

A história de Echo é sobre a compreensão e percepção da vida selvagem e do abuso ambiental e suas consequências na raça humana ...

Direção, roteiro e produção: Barzan Rostami

Animação: Navid da Tanzânia

Som: Hosein Ghorchian

VHX: Vahid Tanzifyan

Editar: Farid Nouri

Compositor: Mehran Badakhshan



Vídeo Entre-linhas

por Janaína Gomes, Joel Felipe Guindani,
Daiara Fuhr, Fernanda Vasconcelos

A Mostra Paralela Vídeo Entre-linhas decorreu de uma série de encontros indispensáveis e de extrema importância no cenário da produção audiovisual do país e da América Latina. Em 2019, fomos convidados a ministrar uma oficina sobre o projeto Vídeo Entre-Linhas, na programação da Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, uma instância importante para dar visibilidade à produção audiovisual da proposta. Nesse contexto, as atividades comuns de difusão da cultura audiovisual possibilitaram a união dos dois extremos do estado do Rio Grande do Sul, com realidades socioeconômicas e culturais muito parecidas: Frederico Westphalen e Rio Grande possuem uma identidade visual peculiar e fora da estética dos grandes centros urbanos, fazendo com que seu público tenha avidez por projetos dessa natureza e, no caso do Vídeo Entre-linhas, possibilite a produção audiovisual em comunidades rurais: as chamadas “linhas”. A partir deste encontro, vislumbramos estender nossa aproximação em 2020, ano de profundas mudanças sociais, econômicas e geopolíticas, em contexto de uma pandemia que assolou a área cultural, principal alvo do distanciamento social imposto pelas condições sanitárias que estamos enfrentando.

Ampliar o projeto geograficamente em meio a tantos desafios foi possível porque temos história. Desde 2008, as linhas se entrecruzam no emaranhado de estímulos que compõem o projeto Vídeo Entre-Linhas: formação de jovens realizadores em Frederico Westphalen e região, sempre em busca da representação social dos sujeitos através de temáticas relevantes expressas em formato de vídeos curtos, realizados a partir do conceito de Extensão Universitária. O processo formador é estabelecido entre professores e acadêmicos de Relações Públicas e Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Campus de Frederico Westphalen, que, por sua vez, atuam na formação dos jovens de 11 a 18 anos, nas escolas municipais e estaduais da região.

O formato estabelecido para a formação desses jovens são oficinas audiovisuais de 30 horas, com vistas a produção de curtas-metragens. A temática, o roteiro e a gravação das cenas são efetuados, de forma participativa e autônoma pelos participantes, orientados pelos professores e acadêmicos envolvidos diretamente no processo. A edição do filme fica a cargo dos extensionistas da UFSM, como forma de superar as desigualdades tecnológicas presentes nas comunidades rurais. Os gêneros ficção e documental são oferecidos e, após serem definidos como formato para os vídeos, são incorporados no conjunto dos trabalhos dirigidos para expressar as ideias que são fomentadas pelos grupos.

Em todos esses anos de atuação, o número de filmes variou de oito filmes, como em 2014, por exemplo, a quatro filmes por ano. O projeto já atendeu todas as escolas rurais de Frederico Westphalen e pode atender os municípios vizinhos como Taquaruçu do Sul, Caiçara, Vista Alegre e Seberi. Além de ser um dos projetos de extensão mais antigos da UFSM, Frederico Westphalen leva as produções para mostras nacionais e internacionais, com o intuito de inserir o município no mapa dos produtores do país. Por tudo isso o projeto Vídeo Entre-Linhas é uma referência na extensão da UFSM na região do Médio Alto Uruguai. Cerca de 500 estudantes já participaram das oficinas e festivais e os canais de visibilidade do projeto são visitados cada vez mais, a cada edição (YouTube, Instagram e Facebook).

Em 2018, a atuação na difusão da cultura audiovisual do projeto foi ampliada com a participação e, no ano seguinte, com a realização da Mostra Internacional #Partiu Cinema, parceria com o SESC Frederico Westphalen, chegando a exibir filmes em tela grande inflável para mais de mil estudantes em 2018 e mais de dois mil em 2019. A iniciativa foi idealizada em 2017 pela professora Dra. Rosângela Fachel, que, em 2019, assinou a curadoria dos filmes, representando o Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Os longas-metragens são apresentados aos jovens e estudantes de graduação das universidades sediadas no município de forma aberta e gratuita. As sessões de filmes nacionais e internacionais são realizadas durante uma semana nos turnos da manhã, tarde e noite, de acordo com a classificação indicativa para cada faixa etária.

Em 2020, o projeto acompanhou o impacto de estar atuando em meio a uma pandemia. Realizamos duas oficinas e tivemos dois filmes elaborados e finalizados totalmente de forma remota, obedecendo a todos os cuidados sanitários impostos pelo momento. No primeiro semestre, todas as atividades de extensão na universidade foram interrompidas e retomadas, emergencialmente, em julho, com vistas ao enfrentamento da pandemia e ao auxílio aos professores das escolas que seriam atendidas em 2020. As oficinas de fotografia serviram como base para a oficina audiovisual, mas atendemos também os professores que necessitavam de auxílio com metodologias ativas de ensino remoto. Com todo o empenho de alunos e professores, conseguimos finalizar o curta-metragem “Projeto de Vida”, o primeiro filme que o projeto Vídeo Entre-Linhas produziu nesse formato. Dois fatores contribuíram para o sucesso desse empreendimento. O formato documental, tendo como base os projetos desenvolvidos pelo nono ano da Escola Municipal de Ensino

Fundamental Afonso Balestrin, do município de Taquaruçu do Sul, sendo esta escola parceira de longa data do projeto. Com uma soma de insegurança e vontade de fazer, conseguimos usar a experiência adquirida por nossa parceria e tornar a oficina do projeto totalmente remota. Além do filme, a escola publicou um livro sobre a experiência dos projetos de vida dos alunos, com participação do Entre-Linhas. Registramos aqui também nossos agradecimentos aos monitores extensionistas Carolina Sônego da Silva, Fernanda Vasconcellos de Abreu, Daíara Sabine Führ, Júlia Vasconcellos, Daniéli Berlesi, Rhyana Campo; e voluntários Larissa Alves, Bruna Lopes, Denise Nunes, Kais Husein. O Prof. Joel Guindani teve importante papel de liderança neste processo. Para todos que participaram desta edição do projeto e carregarão para sempre este mérito, estendemos nossa admiração pela persistência.

O filme "A Alma" (2016) é um dos primeiros filmes de ficção do projeto e retrata como o ambiente escolar é parte singular da vida infantil e adolescente.

Com base na primeira oficina remota de 2020, realizamos o segundo filme, “A Rosa Que Me Vê Hoje Não É A Que Me Verá Amanhã”, exibida na Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande. E foi assim que os projetos de extensão Vídeo Entre-Linhas e o Of Cine do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Rio Grande, tiveram sua união consolidada: um misto de incerteza e vontade de realizar. O atendimento de jovens de forma remota e via edital, para que todo o Brasil pudesse ter a oportunidade de participar das oficinas de audiovisual foi a alternativa encontrada para superar as dificuldades que o distanciamento social vigente impunha à iniciativa. O edital possibilitou, portanto, a participação de jovens do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo e uma responsabilidade muito grande. Da mesma forma com que costumamos as linhas remotas de nossa região durante todos os anos do projeto, teríamos que repetir este caminho unindo realidades tão distintas e ainda atender ao convite de finalizar o filme e logo em seguida exibi-lo na Mostra de Rio Grande, ou seja, uma exibição com público ainda mais heterogêneo.

O filme "Até Que a Morte Nos Case" (2018) é uma produção que se arriscou em escolher a comédia como gênero.

Mas a união dos dois grupos de extensionistas, também de forma remota, reforçaram todo o planejamento das oficinas do projeto Vídeo Entre-Linhas, o que possibilitou ampla troca de experiências e conhecimento entre os organizadores da oficina. Os participantes, por sua vez, foram estimulados, da mesma forma que sempre fizemos, a contar sua história com

autonomia supervisionados por um time de primeira qualidade. A metodologia de comunicação se deu através de reuniões online e das redes sociais dos participantes.

O filme "A Alma" (2016) é um dos primeiros filmes de ficção do projeto e retrata como o ambiente escolar é parte singular da vida infantil e adolescente.

Podemos dizer que o processo de nucleação se efetivou na medida em que se estabeleceram formas de diálogo e de compartilhamento de ideias. Assim, o aprendizado sobre a comunicação da própria produção do filme adquiriu uma relevância nunca antes experimentada nestes anos de projeto. Portanto, o elemento comunicacional da pré-produção, roteiro e gravação do filme, demandou o estabelecimento de uma comunicação efetiva com os participantes, na perspectiva de conduzir os diálogos e os consensos necessários para a realização do filme.

O filme "Até Que a Morte Nos Case" (2018) é uma produção que se arriscou em escolher a comédia como gênero.

Os três encontros iniciais foram teóricos, abordando a história do cinema no Brasil e técnicas de captação para celular. Os outros três foram práticos, dedicados à gravação do curta. Nesse momento os monitores ficaram online para orientar e sanar possíveis dúvidas ou dificuldades dos participantes que faziam as captações.

O filme "Até Que a Morte Nos Case" (2018) é uma produção que se arriscou em escolher a comédia como gênero.

Todas as funções foram distribuídas de acordo com as aptidões e interesse por cada parte do processo. Assim, uma equipe ficou responsável em unir as ideias dos demais e construir em conjunto um projeto de roteiro e promover o consenso durante o processo de criação. Uma característica marcante sobre a turma, era o apreço pela escrita, desse modo, os alunos em sua maioria demonstraram o desejo em reproduzir por meio de imagens o que expressavam em versos.

O filme "Até Que a Morte Nos Case" (2018) é uma produção que se arriscou em escolher a comédia como gênero.

A escolha do gênero filmico foi curta poético, com uma narrativa que partia do princípio de uma rosa e os sentimentos que envolviam os sujeitos participantes que refletiram sobre vida, morte e mudança. Esse comportamento colaborativo, fortalecido em todas as atividades dirigidas pelos monitores, efetivou conceitos como pertencimento e identidade na produção que foi intitulada como “A Rosa Que Me Vê Hoje Não É A Que Me Verá Amanhã”, com duração de 5 minutos e 26 segundos.

O filme "Até Que a Morte Nos Case" (2018) é uma produção que se arriscou em escolher a comédia como gênero.

É necessário salientar e repetir que uma turma de participantes com diferentes realidades foi atendida por dois projetos de

extensão de forma totalmente remota em uma efetiva construção do olhar dos sujeitos para o audiovisual. Na mesma direção, a produção de um filme de gênero ficcional instigou-os à reflexão sobre questões relativas ao trabalho coletivo. Foi possível discutir não apenas sobre a dimensão técnica e tecnológica da produção audiovisual, mas sobre o elemento humano e interpessoal. Ao final, ou na pós-produção, evidenciaram-se diversas situações do funcionamento da ordem coletiva que exigiram reflexões de todo o grupo, salientando que o gerenciamento das etapas de produção, sobretudo da finalização do filme, ensinou que a gestão dos interesses pessoais e interpessoais precisaram ganhar atenção especial e que, por isso, provocaram conhecimentos importantes para a realização de outras produções audiovisuais.

Sobre a Curadoria da Mostra Paralela Vídeo Entre-Linhas

O filme "A Alma" (2016) é um dos primeiros filmes de ficção do projeto e retrata como o ambiente escolar é parte singular da vida infantil e adolescente.

A A curadoria da Mostra Paralela Vídeo Entre-Linhas foi realizada pelo Prof. Dr. Joel Guindani, cineasta e coordenador técnico do projeto. Os filmes escolhidos representam diferentes fases do projeto e também oferecem ao público a possibilidade de uma reflexão que excede a forma do filme. Em outras palavras, a forma do filme, como se refere o cineasta e teórico do cinema Sergei Eisenstein, é parte de uma forma específica de montagem visível num primeiro momento a partir da lógica dos planos encadeados e que nos dão a noção de continuidade.

O filme "Até Que a Morte Nos Case" (2018) é uma produção que se arriscou em escolher a comédia como gênero.

Porém, um filme não está apenas nisso, mas no que ele nos propõe perceber de realidade, a concretude da vida através desta forma de elementos técnicos estéticos organizados em forma de narrativa. Assim, a curadoria buscou selecionar filmes sobre enquadramentos temáticos diversos. Alguns deles tocam questões políticas urgentes e mais evidentes, enquanto outros são da ordem da descontração. Importante dizer que uma curadoria é sempre realizada a partir do corte ideológico de quem a faz. Neste caso — e referendado pelo ponto de vista do cineasta Sergei Eisenstein —, os filmes ofertados nesta Mostra são uma forma de provocar o olhar do espectador para a diversidade de formatos e formas estéticas, mas, sobretudo, para questões sociais e políticas que desafiam jovens e adolescentes, sobretudo quando a cena desses filmes é contada e construída por eles próprios e desde o ambiente escolar.

A seguir, o relato dessa curadoria, inspirado na produção de cada obra selecionada:

O filme "A Alma" (2016) é um dos primeiros filmes de ficção do projeto e retrata como o ambiente escolar é parte singular da vida infantil e adolescente.

A escolha do filme “Fred Veste a Máscara do Preconceito” (2016) traz em cena sujeitos que narram experiências pessoais de preconceito. O documentário é um gênero que amplia a possibilidade do realismo, do concreto e fez parte da fase inicial do projeto. Viver “do outro lado da BR” é uma expressão utilizada do início ao fim desta obra e instiga o espectador a pensar sobre os seus próprios preconceitos. Trata-se de uma cidade dividida por uma rodovia e por diferentes realidades em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, mas que poderia ser em qualquer lugar do Brasil.

O filme "Até Que a Morte Nos Case" (2018) é uma produção que se arriscou em escolher a comédia como gênero.

O filme “A Alma” (2016) é um dos primeiros filmes de ficção do projeto e retrata como o ambiente escolar é parte singular da vida infantil e adolescente. Por isso, também é um espaço de imaginação, de histórias, narrativas e possibilidades criativas. Mesmo sendo iniciante no gênero ficcional, o filme recebeu notoriedade nas instâncias do cinema estudantil, com a indicação para a categoria de Melhor Filme pelo Júri Popular no Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil. Também foi selecionado para Mostra Competitiva de Curtas Estudantis do Festival Internacional de Cinema Estudantil (Cinest), Santa Maria/RS. Recebeu indicação para a categoria de melhor Mix de Som e Melhor Montagem no 2º Festival de Cinema Escolar de Alvorada/RS.

O filme "Até Que a Morte Nos Case" (2018) é uma produção que se arriscou em escolher a comédia como gênero.

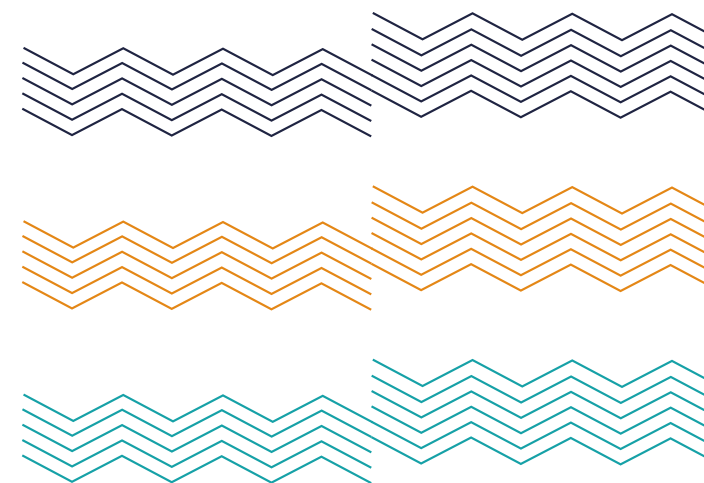
O filme “(Re)existir” (2018) retrata a diversidade e sobre os desafios do relacionamento homoafetivo. Uma produção de jovens que transcende os limites de uma produção audiovisual sobre temas fáceis ou consensuais. É um filme que instiga à reflexão, sobretudo de jovens que enfrentam o preconceito quando o assunto é a liberdade afetiva. Uma problemática que esta geração está conseguindo enfrentar e que conseguiu ser retratada, mesmo com as preocupações da comunidade escolar em preservar a imagem dos alunos participantes. Este curta marca a autonomia que o projeto conquistou na escolha de temáticas expressas a partir da linguagem audiovisual.

O filme "Até Que a Morte Nos Case" (2018) é uma produção que se arriscou em escolher a comédia como gênero.

“Até Que a Morte Nos Case” (2018) é uma produção que se arriscou em escolher a comédia como gênero. Fazer humor é sempre o

mais difícil do cinema. No entanto, as produtoras e produtores optaram por aliar um gênero mais descontraído com histórias reais que povoam o imaginário coletivo desta comunidade rural. O filme é um desafio, também, quando a ideia foi produzir a maior parte da cena dentro do cemitério da comunidade. Propõe, assim, uma certa reflexão acerca dos espaços tradicionais e sagrados, mas que podem ser ressignificados pela arte.

“A Casa da Encruzilhada” (2019) acredita que o imaginário sempre possibilita remodelar o futuro e apostar isso através da dimensão sobrenatural. Quer dizer, o cinema é a arte da reconstrução a partir do registro objetivo ou subjetivo do real. Assim, este filme apresenta o argumento da outra dimensão da existência, que é muito utilizada pelas religiões e que por isso também alimenta o imaginário popular. Assim, este filme é um elemento de reflexão ou de provocação sobre o que é ou constitui a existência do real.



2018; 6'29"



(re)existir

Luiz Américo Santos da Luz

(Re) existir é um curta-metragem que retrata um exemplo de superação, demonstrando o cotidiano doloroso de Ana, que enfrenta preconceito na escola. Apesar disso, ela ignora os comentários homofóbicos e é quem deseja ser.

Direção e roteiro: Luiz Américo Santos da Luz
Elenco: Andrew Cardoso, Camila Reszka, Camila Wesner, Camilly Barbosa, Débora Roani, Denise Nunes, Estéfani da Silva, Jennifer de Oliveira, Lucas Konrath, Luiz da Luz, Manoeli Kazooski, Rafaela Pilonetto e Roberto de Souza
Cinegrafistas: Débora Roani e Martha Wilsman
Colaboradores: Camila Wesner, Denise Nunes, Giovani Meireles, Julia Rebellato, Leticia Stasiak e Simone Philipsen
Orientadores: Cláudia de Moraes, Joel Felipe Guindani, Janaína Gomes e Paulo Munhoz
Coordenadora: Cláudia de Moraes
Edição: Camila Wesner

2016; 5'34"



A alma

Bruna Bellé e Laíssa Eduarda Piovesan

Deveria ser um dia comum na Escola Duque de Caxias, exceto pela antiga história de uma menina que morreu na escola. Ana, uma das alunas, conta a história para dois colegas e isso desencadeia uma série de acontecimentos estranhos, que são retratados no curta-metragem de ficção "A Alma".

Direção: Bruna Bellé, Laíssa Eduarda Piovesan
Direção de produção: Andressa Ramos e Marceley Conceição
Roteiro: Bruna de Azevedo
Câmera: Ana Paula Ferreira e Elivelton Favim
Técnicos de som: Marcos Verdi e Robson Jauer
Continuístas: Felipe Piovesan e Moisés Pellegrin
Montagem: Gabriel Frizon e Guilherme Bonatti
Pesquisa: Luana Ransan e Rafael Lopes
Atores: Andressa Ramos, Bruna Bellé, Bruna de Azevedo, Felipe Piovesan, Gabriel Cocco e Marceley Conceição
Monitores: Eduarda Wilhelm, Iana Reis e Kelly Rodrigues
Coordenadora: Cláudia H. de Moraes

2016; 17'59"



Fred veste a máscara do preconceito

Diuliana Freitas Prestes

Divididos por uma rodovia, os jovens moradores dos Bairros São José, Pedreira e Núcleos de Frederico Westphalen investigaram quais as outras barreiras existentes entre os seus bairros (da periferia) e os bairros mais nobres da região central da cidade. Nesse curto documentário, eles identificaram algumas das máscaras que a cidade "veste" e problematizaram essas questões.

Direção e roteiro: Diuliana Freitas Prestes
Produção: Ana Paula Gonçalves da Costa e Gabriela Costa
Câmera: Clóvis João Gabriel
Narração: Alex Nunes Camargo
Monitores: Rosiane Zanollo, Vicente de Aguiar Camillo e Victória Lieberknecht
Orientação: Cláudia H. de Moraes

2019; 8'9"



A casa da encruzilhada

Andrei Giacomini da Silva

Cinco amigos se desafiam a ir até a casa mal-assombrada, que fica na encruzilhada. Chegando lá eles exploram a casa e encontram um jogo dos espíritos e resolvem brincar com o sobrenatural. Quando um deles decide não jogar mais coisas estranhas começam a acontecer e tudo que eles desejam é ir embora.

Direção: Andrei Giacomini da Silva
Elenco: Andrei Silva, Eduardo Mazzonetto, Laura Basso, Mariele Kaminski, Matheus Brondani, Mirela Ulbrik, Patrícia de Paula e Sabrina Johann
Roteiro: Mariele Kaminski, Mirela Ulbrik e Sabrina Johann
Edição: Denise Fontana
Legendas: Daniel Ribeiro
Monitores: Daniel Ribeiro e Denise Fontana
Monitores voluntários: Bárbara Bertocini e Samuel Agazzi
Orientadores: Prof. Dr. Joel Felipe Guindani e Prof. Dr. Paulo Munhoz
Colaboradora: Prof. Luana Porto Marafija
Coordenadora: Prof. Dra. Janaína Gomes
Co-coordenadora: Prof. Dra. Cláudia Herte de Moraes

2020; 7'48"



Até que a morte nos case

Taís Barimarki

Finalmente férias, muitas coisas pra explorar, muita coisa para fazer pela frente. As quatro amigas não veem a hora de se aventurar. Mal sabiam elas o que estava por vir.

Direção: Taís Barimarki
Roteiro: Ana Carolina e Simone Philipsen
Direção de imagem: Nikael Barwarguer
Direção de figurino: Maria Eduarda e Maria Gabriela
Direção de áudio: Marcelo Ribeiro Leitão
Cinegrafistas: Bruna Guedes e Nikael Barwarguer
Edição: Simone Philipsen
Elenco: Ana Carolina Likonski, Brenda da Silva, Carla Evaristo, Danieli Liscoski, Elpídio de Oliveira Júnior, João Pedro Morais, Juliano Cezar Bertoletti, Maria Eduarda dos Santos, Marcelo Leitão, Maria Gabriela e Taís Barimarki
Colaboradores: Camila Wesner, Carol Sônego, Denise Nunes, Humberto Lopes, Jeferson Matielo, Christian Henrique Duarte, Luisa Hass, Maria Eduarda Fortes e Yasmin Vilanova
Orientadores: Prof. Dra. Cláudia H. de Moraes, Prof. Dr. Joel Felipe Guidani, Prof. Dra. Janaína Gomes e Prof. Dr. Paulo Munhoz
Coordenadora do projeto: Prof. Dra. Cláudia H. de Moraes

2020; 5'26"



A rosa que me vê hoje não é a que me verá amanhã

Eduarda de Moraes Barreto e Ingrid Santos Ciodaro

O ano de 2020 foi marcado por muitas reflexões em torno do mundo e da vida. Somos sujeitos marcados por singularidades e, ao mesmo tempo, unidos. Sofrendo, amando, rindo, sentindo. Esse filme é a expressão de um grupo residente de vários lugares, que construíram coletivamente poemas e cenas. O filme retrata, a partir do estímulo visual poético da imagem de uma rosa, a beleza do ato de transformação.

Direção e roteiro: Eduarda Barreto e Ingrid Ciodaro
Elenco: Kiberly Martins, Eduarda Barreto, Ingrid Ciodaro, Mariana Kurowiski, Adriele Colossi e Laura Soares
Edição: Laura D' Amoreira
Monitores: Adryan Copello, Carolina da Silva, Daiara Fuhr, Daniéli Berlessi, Fernanda de Abreu e Lorena Zanetti
Voluntários: Denise Nunes
Orientador: Prof. Dr. Joel Felipe Guindani
Coordenadora: Prof. Dra. Janaína Gomes
Co-coordenadora: Prof. Dra. Cláudia H. de Moraes



Curtas do Fim do mundo:

Terra do Fogo, Argentina

por Rosângela Fachel

A possibilidade de exibição da mostra Curtas do Fim do Mundo nasceu de uma parceria estabelecida com a Tierra del Fuego Film Commission e com o Departamento Provincial de Desenvolvimento Audiovisual, da Secretaria da Cultura de Terra do Fogo, Argentina, por meio de seu diretor Rodrigo Tenuta, que foi também o curador dessa programação. A proposta era dar a ver a diversidade da produção contemporânea de curtas-metragens realizados na região mais austral da América, em sua maioria, graças às políticas públicas nacionais e regionais de fomento. A mostra foi composta por oito curtas-metragens, quatro documentários e quatro ficcionais, que apresentam uma ampla diversidade, tanto em relação à linguagem audiovisual — da narrativa clássica à vídeo-performance, da live action à animação — quanto em relação às temáticas abordadas; mas, sobretudo, que nos convida a uma viagem pelo imaginário fueguino contemporâneo.

O nome da mostra, Curtas do Fim do Mundo, sugerido por Tenuta, retoma a expressão “fim do mundo”, utilizada para designar o território de Terra do Fogo por sua condição de ser a região mais austral da América, e investindo em um jogo semântico que ao mesmo tempo em que aciona a memória do significado depreciativo da expressão desperta a fantasia e o imaginário globalizado em relação à potência geográfica dessa região. “Situado entre o lugar histórico e o não-lugar, o fim do mundo fueguino projeta o espaço de retorno à alteridade”, que o fato de ser imaginado não torna menos sedutor (GIUCCI, 2014, tradução da autora). Conforme explica Guillermo Giucci (2014), o reconhecimento da Terra do Fogo como o “fim do mundo” foi uma invenção colonial europeia estigmatizante, que indicava a região como sendo o oposto à civilização, um lugar selvagem, hostil e isolado, localizado nos confins do planeta. Além disso, a construção e atividade do “Presídio do Fim do Mundo” (“Cárcel del Fin del Mundo”) em Ushuaia, capital da Terra do Fogo, de 1902 a 1947 — como um projeto de povoamento da região alicerçado nas necessidades comerciais geradas pela instituição penal (CAO; D'ERAMO, 2021) — ajudou a fomentar no imaginário coletivo a ideia de que ir para Terra do Fogo era uma “viagem sem retorno”, corroborando a perspectiva negativa do “fim do mundo”, como um lugar para onde ninguém desejava ir.

E foi sendo instaurada uma série de características associadas a esse imaginário do “fim do mundo” como uma localização “extrema”, na “ponta” ou no “pé” da América; um habitat natural inclemente, inóspito, vazio, com pouca presença humana; um lugar de solidão, um “território masculino” (BASCOPÉ, 2011), distante dos centros civilizados e de seus serviços, onde faltam as tecnologias ocidentais para o transporte e a comunicação; e com

uma notável especificidade da vida local e regional.

No entanto, é preciso atentar ao fato de que essa percepção de “fim do mundo” criada a partir de “fora”, não faz sentido para os povos originários de Terra do Fogo - Yámana/Yagán e Selk'nam, que antes da chegada de exploradores e colonizadores povoavam a região de maneira complexa e dinâmica, e que, posteriormente, foram sucessivamente vítimas das ações e das implicações do colonialismo e da colonialidade, que os exploraram e dizimaram.

Conforme Horacio Cao e Daniel D'Eramossa (2021), o processo de ressignificação positiva do “fim do mundo” fueguino começa na década de 1930 com a visão industrialista, que percebeu a potência do território da Patagônia, associada ao desejo de “argentinizar” a região, temendo a ameaça das invasões chilenas e os levantes dos trabalhadores rurais. Esse processo tem como marcos o fechamento do presídio em 1947, e, posteriormente, a descoberta do primeiro poço de petróleo na Terra do Fogo em 1949. Como relata o geógrafo francês Romain Gaignard:

Terra esquecida, mundo desconhecido ou lendário. Terra do Fogo parece estar às vésperas de uma rápida metamorfose. Mais uma vez, o petróleo é o feiticeiro transformador e revelador. Ele hoje permite equilibrar um orçamento, criar uma administração, lançar programas de planejamento; enfim, superar o isolamento. Ele permitirá, talvez, acabar com uma velha estrutura pastoril fundada no monopólio e com um débil povoamento, que podia parecer sem solução. Este despertar é particularmente sensível na parte argentina de Terra do Fogo, tomada, não faz muito tempo, por um deserto, onde alguns pecuaristas se empenhavam e onde os presos expiavam suas culpas na prisão de Ushuaia. Hoje, a prisão cedeu lugar a uma grande base aérea naval da qual se controla a exploração da Antártica, enquanto as imponentes paisagens da cordilheira de Darwin atraem aos primeiros turistas. (GAINARD, 1963, p.1, tradução da autora)

Essa transformação incidiu, também, sobre o imaginário acerca da região fueguina, que foi sendo incrementado pela difusão globalizada das exuberantes imagens de suas paisagens e por uma crescente consciência ecológica, que levaram sua condição geográfica a ser identificada como um diferencial positivo, dando à região o status de um lugar excepcional, uma distinção vantajosa, sobretudo, para o turismo (GIUCCI, 2014). O “fim do mundo” ganha assim uma potência ambiental poética e torna-se o slogan promocional da região, sendo usado para batizar

e ressignificar muitas de suas atrações turísticas e culturais como, por exemplo, o Museu do Fim do Mundo e o Trem do Fim do Mundo. Mais recentemente, soma-se a essa equação a emergência latino-americana do pensamento decolonial, que convoca à revisão de nossas histórias coloniais e pós-coloniais, bem como das implicações da colonialidade do saber e do poder, principalmente, em relação às explorações, aos massacres e à desumanização e subalternização das pessoas racializadas. Perspectiva que vem desvelando séculos de resistência indígena e negra, assim como, o protagonismo de corpos e vozes que foram, por muito tempo, invisibilizados e silenciados. Conforme a antropóloga argentina Liliana Tamagno, nesse contexto de maior visibilidade e reconhecimento da questão indígena é de se esperar que,

[...] a análise interdisciplinar contribua para a construção de uma história mais próxima da verdade em termos de reconhecimento dos povos indígenas, suas presenças e demandas; uma história que se aprofunde nos condicionamentos do racismo e da colonialidade; uma história que vá além da denúncia pontual e que ultrapasse o tratamento meramente jurídico dos atos de racismo, etnocídio e genocídio. (TAMAGNO, 2011, tradução da autora)

Com essa brevíssima revisão de algumas especificidades do que poderíamos entender como traços culturais e identitários articulados pelos imaginários fueguinos, busquei destacar alguns aspectos que podem nos ajudar a visitar a mostra de Curtas do Fim do Mundo. Mas é preciso ter em conta que a questão da identidade fueguína, ou seja, do que é ser uma pessoa fueguína, esteve e ainda está atrelada à “origem” e/ou ao “tempo de permanência na região”, como critérios, naturalizados em diferentes instâncias sociais, para legitimar essa condição. Assim, o fluxo de pessoas de diferentes lugares — não-fueguinas — tem implicações contraditórias no imaginário acerca da “identidade fueguína”. Por um lado, essa diversidade cultural impossibilita pensar em elementos de uma identidade própria; por outro, essa diversidade e justaposição de culturas é reconhecida como uma peculiaridade positiva da região, que evoca a metáfora argentina do “caldeirão de raças” (crisol de razas), reconfigurada com um novo tipo de caldeirão cultural (HERMIDA, MALIZIA, VAN AERT, 2016, p.36). No entanto, mesmo nessa reflexão multicultural, a presença indígena na configuração de uma identidade fueguína parece ser dissipada. E, seguindo esse raciocínio, poderíamos pensar nessa breve revisão sobre a mostra, também, como um espaço de reflexão acerca das questões que permeiam identificar ou denominar uma produção audiovisual como fueguína - curtas-

metragens fueguinas, cinema fueguino, etc.

Começamos, então, nossa revisão da mostra Curtas do Fim do Mundo pela beleza e imensidão da paisagem selvagem e glacial de Terra do Fogo que é admiravelmente explorada em “Inefable” (Argentina, 2020), de Guido Nicolás Riviere. Mais do que um documentário, o filme é uma experiência audiovisual que convoca o espectador à imersão na paisagem fueguína, guiando nosso olhar desde a atenção aos planos detalhes até o deslumbramento dos grandes planos gerais panorâmicos, realizados com o auxílio de drones. E cumpre-se assim o que é anunciado pelo texto em letras brancas sobre a tela preta que abre o filme: “O que estás prestes a experimentar requer um profundo estado de presença. Na quietude de sua presença surge a beleza” (tradução da autora). A comoção imersiva da exuberância das imagens — que explora tanto a perspectiva conceitual da vídeo e da land arte quanto a da fotografia de paisagens (entre o estilo National Geographic e propaganda turística) — é completada pela sonoridade incidental híbrida do filme, composta pelo imbricamento entre sons artificiais e sons da natureza. É interessante destacar que a paisagem fueguína explorada pelas câmeras do curta é uma paisagem que parece intocada, como se fosse anterior ou posterior a presença humana, tanto dos povos originários quanto dos recorrentes exploradores e colonizadores. No entanto, as próprias imagens são a marca indelével, apesar de dissimulada, da presença humana nesse ambiente natural e de sua força tanto para sua conservação quanto para sua destruição.

A exuberância da paisagem e a inclemência do frio são, igualmente, elementos fundamentais da trama de “Lo Interno” (Argentina, 2020), de Die Moyano e Lucas Concia, que mergulha na memória e no imaginário do “Presídio do Fim do Mundo” para fabular a fuga de dois de seus detentos. Juntos, eles precisam enfrentar a inclemência da natureza e do clima, vestindo os emblemáticos uniformes listrados — azul e amarelo — e percorrendo parte do trajeto da fuga no Trem do Fim do Mundo, para finalmente chegarem à margem, onde embarcam rumo à liberdade, para além do arquipélago. Mas essa margem geográfica delimita, também, a separação entre a vida como amantes que levavam no interior do confinamento durante a detenção e a vida que lhes espera no retorno ao exterior, à sociedade e à “civilização”. O título do curta parece aludir, então, tanto à condição daquele que está interno no presídio, quanto à sua subjetividade, como um universo interno de emoções e sentimentos. Em contraposição aos mistérios desse interior, a narrativa explora a imensidão das paisagens naturais e o imaginário associado à sobrevivência em suas condições

extremas.

A imensidão da paisagem é, também, o cenário do percurso de uma outra viagem ao interior territorial da Patagônia, que é também uma viagem interior de Germán, protagonista de “Insilios - Exiliados En El Interior” (Argentina, 2018, 16’), de Luis Camargo. Germán é um engenheiro industrial rosarino que há alguns anos vive na Terra do Fogo, que embarca em um ônibus para ir de Río Gallegos a Río Grande. Seu companheiro de assento e de viagem é um senhor tucumano — um gaucho, bonachão e um tanto invasivo — que, como logo se dará conta Germán, começa a apresentar os primeiros sinais de demência e que, a princípio a contragosto, ele começa a ajudar. Aos poucos, instaura-se entre eles uma camaradagem, que provoca comparações entre a cultura do interior/regional e a da metrôpole, entre a forma como percebem a região e como se relacionam com as grandes distâncias, mas sobretudo, quanto à maneira como cada um deles se relacionam com seus filhos. A chegada ao destino põe fim a parceria de viagem, mas revela a Germán que este é apenas o começo de uma outra jornada. Conforme Camargo, o curta-metragem nasceu do desejo de explorar a sensação de desarraigamento, que para ele é um tema recorrente no imaginário fueguino, marcado pelos processos migratórios de muitas pessoas, geralmente, motivadas pela busca por melhores perspectivas de vida e de trabalho. Mas essas pessoas, que “chegam e ficam”, parecem manter uma intermitente nostalgia por seu lugar de origem, como se estivessem sempre esperando pela hora de regressar. Sensação que, para o diretor, é semelhante à relatada por aqueles que precisaram deixar a Argentina por conta da ditadura, mesmo que os processos migratórios para a Terra do Fogo não sejam forçados, pois afinal, não é necessário deixar o país para se sentir desarraigado, principalmente quando as distâncias são imensas, como na Patagônia. Decorre dessa percepção, o próprio título do curta, “Insilios”, uma alusão a esse exílio interior, que faz com que as pessoas se tornem mais introspectivas, o que no caso de Terra do Fogo, acontece, também, por conta do frio.

Já “Engranaje” (Argentina, 2020), de Facundo Viñabal, é uma produção ficcional que tensiona o limite entre a narrativa audiovisual e a videoperformance, apresentando um monólogo, carregado de expressão corporal, que é explorado pela câmera. A performance acontece no interior do que parece ser um galpão de fábrica abandonado. Um operário vestido com seu macacão de trabalho interpela o espectador, falando diretamente para a câmera sobre seus sentimentos enquanto uma engrenagem invisível da indústria. Em um discurso que apresenta ao mesmo

tempo a angústia de sentir-se minimizado, como mais um em uma massa de pessoas, e o orgulho de pertencer a esse grupo. Esse anonimato, de quem é consumido pela própria condição operária, evoca os ciclos de apogeu e queda da história industrial na região, e é explorado pela narrativa, totalmente restrita a esse espaço fechado, completamente apartado do ambiente externo, que torna indiscernível a diferença entre dia e noite.

O universo dos trabalhadores de Terra do Fogo é, também, o pano de fundo de “Estepas” (Argentina, 2020), de Ezequiel Mendez Coria e Santiago Gauna, um documentário que acompanha Rafa, aposentado após vários anos de trabalho em uma plataforma de petróleo e que, atualmente, passa seus dias dividido entre o trabalho social voluntário junto às comunidades racializadas e pobres da região, e as memórias do tempo de trabalho e de convívio com os colegas, resgatando a solidariedade e o companheirismo como valores fundamentais para quem está longe da família. O documentário apresenta o contraste visual entre a beleza da imensidão da paisagem patagônica, percorrida para chegar até à plataforma de petróleo, e o espaço urbano, que, por sua vez, também se bifurca, entre o espaço racializado da precariedade social, visitado por Rafa, e o espaço social do trabalho (que ainda frequenta) e da família.

Os entrecruzamentos e sobreposições entre mundos e a culturas no território fueguino é a questão central do curta-metragem de animação “Cuentos de Viejos - Victoria, en la Bahía que Entra Hacia el Oeste” (Argentina, 2019), dirigido por Marcelo Dematei, oitavo episódio da quarta temporada da websérie documental de animação que integra o projeto transmidiático “Cuentos de viejos”. O episódio escolhido para integrar a mostra é narrado por Victoria, uma senhora nascida em Ushuaia, Terra do Fogo, que nos conta como foi crescer convivendo com a hostilidade do frio da região e relembrar seu contato com uma família de indígenas Yagán, os canoeiros, abrigada em sua casa por seus pais durante uma nevasca. Victoria se questiona, então, sobre por que razão, mesmo estando todos sob o mesmo teto, ela não conseguiu aproximar-se deles. Uma história que viaja entre a sensibilidade, a nostalgia e o tempo, na qual a memória afetiva da infância compartilhada pela narradora é ressignificada no tempo presente por nós, que a escutamos, dando pistas das histórias apagadas. A arte e as cores do curta têm uma conexão direta com a geografia e a paisagem do arquipélago fueguino, com muito nevoeiro e muita neve, onde o branco tem um predomínio fantasmático.

O documentário “Twakana Yagán” (Argentina, 2020), de Rodrigo Tenuta e Ignacio Leonidas, igualmente adentra o universo Yagán

da Terra de Fogo, mas para além das memórias de sua presença vai apresentar sua força viva na figura da matriarca Catalina Yagán, de 89 anos, que parece escutar em suas memórias o canto de seu avô Asenewensis. Enquanto seus filhos, Victor e Roberto Vargas, embarcam em uma viagem a cavalo, saíndo da reserva indígena que ocupam atualmente, cruzam as margens do canal Onashaga em busca de seu reflexo ancestral. O título do filme — “Twakana Yagán” — que em língua Yagán significa “ensinamento Yagán”, faz referência aos ensinamentos ancestrais que são passados de geração a geração por meio da oralidade. Seja por meio da conexão com o canto ritual de Asenewensis, seja pela experiência de retorno à natureza, como fazem os irmãos. A narrativa começa apresentando a cidade tomada pelo branco da neve que recobre casas e ruas para então adentrar na intimidade da casa de Catalina e a partir dela apresentar a reserva para, então, acompanhar o percurso realizado pelos jinetes, Victor e Roberto. Enquanto, em off, Victor nos conta sobre a importância de manter vivas as tradições de seus ancestrais. O que é assumido pela narrativa, que abre e encerra com a reprodução de uma gravação antiga da voz de Asenewensis entoando em língua Yagán o “Canto do Vigilante na Cerimônia de Iniciação”, registrado em 1923. Ao apresentar a língua Yagán viva que atravessa o tempo e a paisagem, desvelando os sentimentos de um povo vivo, o documentário expõe a resistência de uma cultura e de um modo de vida, tantas vezes sentenciado ao extermínio, pois como advertia Ricardo Rojas em “Archipiélago. Tierra del Fuego” (1942), o desaparecimento das línguas, Selk’nam e Yagán, implicaria a morte de suas culturas. A língua viva é fruto e semente da re-existência Yagán, testemunho discursivo de sua sobrevivência.

“Estepas”, “Cuentos de viejos - Victoria” e “Twakana Yagán” apresentam diferentes perspectivas das memórias e da presença viva dos povos originários em Terra do Fogo, discutindo de maneiras distintas o impacto da colonização e da colonialidade sobre as comunidades indígenas da região, questão ainda pendente na historiografia argentina e que, apenas recentemente, vem sendo revisitada, recontada e retomada.

Por fim, o documentário “Soy un Alex, Soy un Humano” (Argentina, 2019), realizado pelo coletivo AcuerpadXs, combina live action e animação para nos apresentar um retrato íntimo e testemunhal de Alex, um adolescente trans fueguino, que relata de maneira simples e alegre seu processo de autopercepção de gênero, apoiado por sua família, amigxs e instituições. Apesar de ser a narrativa mais urbana e globalizada dentre os curtas da mostra, centrando-se nos espaços da cidade e nas interações sociais, o documentário começa com imagens da

amplidão geográfica da região, mas termina com imagens de uma festiva passeata em prol da diversidade sexual e de gênero, que percorre a rua principal de Ushuaia. Os créditos do filme são acompanhados da emblemática e harmoniosa voz da escritora, cantora e ativista travesti argentina Susy Shock, entoando a canção — “Canções de Ninar para Crianças Diversas” — que se tornou o hino de sua série de podcasts Crianças, um programa dedicado a promover o respeito e a empatia à diversidade desde a infância e para as infâncias. O curta está conectado a um contexto nacional e internacional de ativismo por políticas identitárias, que contemplem a diversidade de existências, e pelo enfrentamento à homo e à transfobia, que alimentam os discursos e crimes de ódio.

A exuberância grandiosa e impactante da paisagem selvagem da Terra do Fogo está presente em quase todas as produções, sendo explorada de diferentes formas e em diferentes sentidos em cada uma delas. A imensidão da paisagem é apresentada por um flunar audiovisual poético e videoartístico em “Inefable” e é evocada como uma região de conquista em “Estepas”; já em “Twakana Yagán”, a busca por uma paisagem ancestral está imbricada à própria natureza das personagens; e a paisagem compõe um percurso de autoconhecimento — entre o encontro e a fuga — em “Insilios - Exiliados en el Interior” e em “Lo Interno”; e a paisagem da memória infantil é evocada em “Cuentos de viejos - Victoria”, que borra os limites entre o interno/íntimo da casa familiar e o externo/comunal da natureza ancestral. E em contraponto à imensidão das paisagens exuberantes e amedrontadoras percorridas pelos grandes planos gerais e pelos drones, surge a perspectiva intimista e encerrada da videoperformance em “Engranaje” e o recorte urbano da paisagem de Ushuaia em “Soy Alex, Soy un Humano”, que desvelam os espaços sociais construídos como formas de sobreviver e de vencer as adversidades do inóspito habitat fueguino.

Em “Inefable”, “Estepas”, “Insilios”, “Engrenaje” e em “Lo Interno”, essa entrega à geografia fueguina significa a resignação a diferentes tipos de solidão, desde a solidão da paisagem por onde a câmera viaja como se fosse um fantasma ou um autômato, passando pela solidão de trabalhar afastado da família até a solidão de ter esconder-se em seu próprio interior. E, nesse sentido, não posso deixar de referir que, à exceção de “Cuentos de viejos - Victoria”, protagonizado por uma anciã, e de “Inefable”, que não apresenta personagens humanos, em todos os outros curtas o protagonismo é masculino, gênero predominante, também, entre seus realizadores. O que talvez ainda seja um eco da memória de Terra do Fogo como um “território masculino”

(BASCOPE, 2011), no qual vencer os desafios e as adversidades impostos pela natureza e pela geografia da região é uma tarefa para homens. Percepção que, de alguma forma, parece estender-se para o campo da produção audiovisual, talvez reconhecido, ainda, igualmente como um território masculino. Em vista disso, a presença do documentário “Soy Alex, Soy un Humano” na mostra é muito importante porque sinaliza o questionamento das normatividades de sexo e gênero não apenas por conta de sua temática, mas também por haver sido realizado por um coletivo, que nega o binarismo de gênero e a universalidade do masculino, colocando em xeque a perspectiva, ainda muito masculina, da autoria no âmbito do audiovisual. Além disso, a celebração coletiva da passeata que encerra o curta rompe com o recorrente imaginário da solidão e do enfrentamento solitário das adversidades, promovendo novas formas de ser fueguinx.

A mostra Curtas do Fim do Mundo apresenta uma ampla revisão contemporânea do imaginário fueguino, que ainda está muito alicerçada em uma relação de contemplação e temor à imensidão exuberante de sua geografia e à força inclemente da natureza e do clima que, de certa forma, representa também a própria força e a sina de seus habitantes. A relação entre as personagens e o território fueguino — natural e social — permeia todas as narrativas, que assim abordam várias questões socioculturais, políticas e econômicas de pertencimento e de vida na região. Olhares que celebram as poéticas e potências narrativas audiovisuais fueguinas sem deixar de serem críticos e agudos quanto às questões sociais da região, como as desigualdades, a exploração e a precarização das pessoas mais pobres, sobretudo, das pessoas racializadas. Os curtas da mostra compõem uma pluralidade de discursos audiovisuais a partir da Terra do Fogo e sobre a Terra do Fogo, que não apenas apresentam esse território e sua produção audiovisual àquelas pessoas que não os conhecem, mas também os reapresentam a seus habitantes. Tecnológica e esteticamente conectados ao universo globalizado do audiovisual, os curtas da mostra são produções situadas que falam a partir de um contexto local, mas acionam questões que ademais de serem universais, nos interpelam, profundamente, enquanto pessoas latino-americanas.

Referências:

BASCOPE, Joaquín. Antes de la Ley. Salvajismo y comercio sexual en Tierra del Fuego y Patagonia Austral, 1884-1920. Capitalismo y pornología. La producción de los cuerpos sexuados. PAVEZ, J. & KRAUSHAAR, L. (editores). Antofagasta, Chile: Universidad Católica del Norte. 2011, 30 p. Disponível em: https://issuu.com/ensimismo/docs/antesdelaleytierradelfuego Acessado em: 14 out. 2021

CAO, Horacio; D'ERAMO, Daniel. La asinercónia de Tierra del Fuego: Del infra-poblamiento al crecimiento acelerado. Revista Estado y Políticas Públicas Nº 16. mayo - septiembre de 2021. ISSN 2310-550X, pp. 247-266 Disponível em: https://revistaeypp.flacso.org.ar/files/revistas/1622396480_247-266.pdf Acessado em: 14 out. 2021

GAIGNARD, Romain. La valoración pionera de tierra del fuego. Boletín de Estudios Geográficos. N. 38. Vol. X. Universidad Nacional de Cuyo. Facultad de Filosofía y Letras. Instituto de Geografía. Enero-Marzo, 1963, pp. 1-37. Disponível em: https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/11364/01-gaignard.pdf Acessado em: 14 out. 2021

GIUCCI, Guillermo. Tierra del Fuego: la creación del fin del mundo. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

HERMIDA, Mariano; MALIZIA, Mariano; VAN AERT, Peter. Migración e identidad: el caso de Tierra del Fuego. IDENTIDADES. N. 10. Año 6. Jun 2016, pp. 34-52.

INSILIOS, un cortometraje íntegramente fueguino se presenta esta tarde en el cine de Río Grande. Critica Sur. Río Grande, Tierra del Fuego. Argentina, 9 mai. 2019. Disponível em: https://criticasur.com.ar/nota/18107/insilios_un_cortometraje_integramente_fueguino_se_presenta_esta_tarde_en_el_cine_de_rio_grande Acessado em: 14 out. 2021 LOVECE, Júlío Cesar. Los NyC, los VyQ y los TaF. El Diario del Fin del Mundo. Ushuaia, Tierra del Fuego, 13 nov. 2011. Disponível em: http://www.eldiariodelfindelmundo.com/noticias/2011/11/13/39140-los-nyc-los-vyq-y-los-taf Acessado em: 14 out. 2021

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder y clasificación social. Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires, CLACSO, 2014. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf Acessado em: 14 out. 2021

ROJAS, Ricardo. Archipiélago. Tierra del Fuego. Buenos Aires, Losada, 1942.

TAMAGNO, Liliana. Pueblos indígenas. Racismo, genocídio y represión. Corpus [En línea], Vol 1, No 2 | 2011. Disponível em: http://journals.openedition.org/corpusarchivos/1164 Acessado em 14 out. 2021.

2020; 8'11"



Estepas

Ezequiel Mendez Coria e Santiago Gauna

Rafa é um aposentado que trabalhou por muito tempo nos poços de petróleo da Patagônia. Hoje passa os dias planejando viagens de solidariedade, resgatando a solidariedade e o companheirismo como valores fundamentais.

Direção: Santiago Gauna e Ezequiel Mendez Coria
Produção: Ezequiel Mendez Coria e Victoria Lupiano
Fotografia: Santiago Gauna
Roteiro: Victoria Lupino
Continuista: Aylén Martínez
Som: Ezequiel Mendez Coria e Jonatan Arcos
Montagem: Santiago Gauna
Participação: Rafael Maydana, Salvador Cortarello, Felix Martínez e Juan Urdapilleta

2020; 6'15"



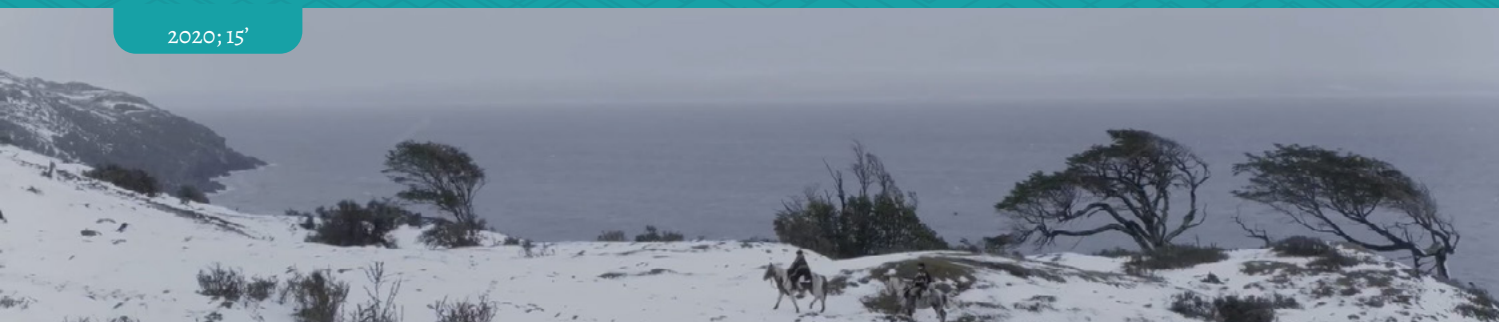
Inefable

Guido Nicolás Riviere

Como se expressa em termos visuais e sonoros o despertar da consciência? A natureza é testemunha e nos convida a contemplar a beleza do imanifestado por trás de cada momento presente.

Direção: Guido Nicolás Riviere
Fotografia: Joaquín Díaz Suárez
Produtora: Vitamina Audiovisual
Produção: Juan Ignacio Poma
Som: Gastón Agustín Pereyra

2020; 15'



Twakana yagán

Ignacio Leonidas e Rodrigo Tenuta

Em Ushuaia, Terra do Fogo, vive a comunidade Yagán Paiakola, referências de um povo ancestral que viveu por mais de 8 mil anos. Victor e Roberto Vargas embarcam em uma viagem a cavalo em busca de seu reflexo Yagán.

Direção: Ignacio Leonidas e Rodrigo Tenuta
Produção: Waia Films, Andrea Maradona e Pablo de Antueno
Fotografia: Ignacio Leonidas
Som: José Pera
Montagem: Rodrigo Tenuta e Ignacio Leonidas
Apoio: Secretaría de cultura de Tierra Del Fuego Aeias

2018; 16'3"



Insilos - exiliados en el interior

Luis Camargo

Uma viagem de volta à Patagônia Sul fará com que Germán reflita sobre o desenraizamento, seus filhos e seu futuro trabalho na Terra do Fogo. Em cada decisão, há um caminho a percorrer. Mas o destino pode colocar pedras nele.

Elenco: José Luis Perez - Hugo Walter Mondo
Produtora: Moebius films
Produtores: Ariana Spenza/Nelva Fernandez
Fotografia: Gonzalo Maldonado
Som: Noelia Mangin
Montagem: Anna Ruëgsegger (EDA)
Edição de áudio: Jonatan Andrade
Música: Fuegian Jam
Composição: Guillermo Gamarra

2020; 5'10"



Engranaje

Facundo Viñabal

Monólogo que aborda a identidade fueguina e a defesa da indústria. Neste curta, um operário questiona o espectador onde ele faz um tour por seus sentimentos, busca sua empatia para contar o que pensa sobre sua vida operária, em que revelam sentimentos mistos de se sentir minimizado em uma massa de pessoas, mas ao mesmo tempo, o orgulho de pertencer a tal.

Direção: Facundo Viñabal
Fotografia: Gaspar García
Arte: Cecilia Lombardini
Som: Noelia Mangin
Montagem: Daft Rebel

2019; 6'07"



Soy Alex, soy un humano

AcuerpadXs

Eu sou um Alex, sou um humano, é um retrato íntimo de Alex, um adolescente trans fueguino, onde relata seus medos e dificuldades em relação à família, amigos e instituições em seu processo de autopercepção.

Equipe: Sol Bottaro, Florencia Cortes, Paula Cortes e Leandro Segovia

2020; 8'01"



Lo interno

Die Moyano e Lucas Concia

Dois prisioneiros escapam para a prisão mais ao sul e encontram algo mais do que liberdade: clareza em seus porquês.

Direção: Die Moyano e Lucas Concia
Roteiro: Perro Yagan
Produção: Natalia Ader, Ramón Villarroel e Paula Veloso
Fotografia: Fran Gonzales, Die Moyano e Carlos Echverría
Arte: Nita Hidalgo e Ramón Villarroel
Som: Martín Morales
Montage: Lucas Concia e Die Moyano
Trilha sonora: Juan Ford

2019; 6'57"



Cuentos de viejos ep.4

Marcelo Dematei

Nosso projeto trata da tradição oral e da memória coletiva. Em ouvir nossos mais velhos. "Contos" é acima de tudo os momentos que passamos com os nossos avós, ouvindo velhas histórias de como as coisas eram há muitos anos, quando eram crianças.

Direção: Marcelo Dematei
Pesquisa: Laura Piaggio e Natalia Ader
Roteiro: Natalia Ader e Marcelo Dematei
Animação: Nicolás Obispo, Alita Navarro, Soledad Obregon, Olmo Sánchez, Juan Beccaria, Milton Monteiro, Rodrigo Eberbach e Lorena Maicheo
Som: Juan Ford
Produção envolvida: Juan Sebastián Patiño e Laura Piaggio



ficha técnica

ORGANIZAÇÃO

RAQUEL ANDRADE FERREIRA

Artista Visual e Pesquisadora. Doutora e Artes Visuais com Linha de Pesquisa em Poéticas Visuais no PPGAV/UFRGS (2015). Orientação do Prof. Dr. Hélio Custodio Ferverza. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (2009). Bacharelado em Pintura pela Universidade Federal de Pelotas (2000). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Rio Grande no qual ministra a disciplina de Artes visuais . Coordena alguns Projetos de Extensão no campo da arte, cinema e teatro no IFRS. Líder do Grupo de Pesquisa Humanizar o Humano: Arte,corpo, linguagem e meio ambiente - CNPq/IFRS. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Deslocamentos, observâncias e Cartografias Contemporâneas CNPq/UFPeL. Atua como pesquisadora nos seguintes temas: Casa- cotidiano, arte e destruição, labirinto como metáfora da casa, palavra como instruções, memória e objetos do cotidiano doméstico, paisagem, deslocamento, observâncias e Cartografias Contemporâneas

VICTOR PINHEIRO

Produtor audiovisual e organizador de eventos culturais. Em 2018, começou a trabalhar com cinema nos projetos de extensão “Oficina de Cinema” e “Cine Clube” do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) Campus Rio Grande, enquanto estudante da mesma instituição. Foi organizador da “III Mostra de Cinema OfCine & I Cinemário”(2018). Desde 2019 assina a produção executiva da “Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande”, que se encontra em sua 3ª edição. Foi assistente de produção da primeira edição do “POADOC - Festival de Documentários de Porto Alegre” (2020). Atualmente produtor do Grupo OfCine, organizando atividades culturais e de formação, voltadas para a comunidade de Rio Grande e seus arredores.



AUTORES DOS TEXTOS

ANGELITA FIALHO SILVEIRA

Possui licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), Mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005) e especialização em História Contemporânea Brasileira pela Faculdade Porto-Alegrense (2014). Tem experiência na área de Ciência Política e Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura política, socialização política e juventude. Atualmente é docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS, campus Rio Grande e realiza Doutorado em Geografia e Planejamento Territorial da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

GIANLUCA COZZA

É diretor, roteirista e diretor de fotografia atuante há 4 anos na área. Já realizou trabalhos profissionais em diversas produtoras, destacando Panda Filmes, Vertentes Filmes e Saturno Filmes. Atualmente está envolvido na direção de fotografia de quatro projetos de curta-metragem e um seriado televisivo. Há três anos, Gianluca coordena o curso de cinema OfCine e a Mostra de Cinema Latino-americano de Rio Grande. Consta em seu currículo, a direção de fotografia de cinco filmes, em destaque Um Lugar ao Sul (2018), na qual também dirigiu e roteirizou, que foi selecionado para mais de 30 festivais e premiado no 51º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Também realizou a direção de fotografia para o documentário Flamingos (2019) produzido pelo Canal Futura e Construção (2020) ganhador da Mostra Gaúcha de Gramado. Atualmente finaliza um longa-metragem documental que dirigiu e roteirizou.

EDUARDA SILVEIRA

Acadêmica em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas (FURG), no qual atua como bolsista ativa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na área de ensino de línguas estrangeiras na educação básica. Além disso, é técnica em Automação Industrial (IFRS), no qual desenvolveu pesquisa sobre elaboração e diagramação de materiais didáticos em língua inglesa como bolsista de iniciação científica. Atualmente desenvolve, na mesma instituição, pesquisa na área de metodologias ativas no ensino de língua inglesa, como colaboradora externa. Além disso, promove atividades de extensão, ensino e pesquisa na área de gênero, diversidade, corpo e sexualidade como membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Sexualidade (NEPGS) do Instituto Federal.

GIULIA CASTELANI

Bacharela em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG e está cursando Artes Visuais Licenciatura pela mesma instituição. Realiza trabalhos com gif animado e vídeo experimental. Integrante da equipe da Fresta desde 2019, atuando como bolsista, é responsável pela criação gráfica, edição e apoio na programação e curadoria da Mostra.

DAIARA FÜHR

Graduanda de Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen. Bolsista no projeto de extensão “Vídeo Entre-Linhas”.

CLÁUDIO TAROUCO DE AZEVEDO

Professor dos Cursos de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e do Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Coordena o Grupo de Pesquisa Arteecons: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosóficas - CNPq e vice-líder do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação CNPq/UFPeL. Pós-doutor em Artes Visuais (2016), doutor (2013) e mestre (2010) em Educação Ambiental e graduado em Artes Visuais Licenciatura (2006). Coordena o LABEST - Laboratório de Estética dos Cursos de Artes Visuais FURG e o PIBID Artes Visuais na mesma instituição. É membro do NDE dos Cursos de Artes Visuais da FURG. Tem experiência nas áreas de Educação e Artes (fotografia e audiovisual), atuando principalmente nos seguintes temas: arte e ecologia, arte e saúde mental, ecosofia, arteveg, educação ambiental biorrizomática.

JANAÍNA GOMES

Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000), mestrado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004) e doutorado em Programa de Pós-Graduação em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). Atualmente é professora associada do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Comunicação Científica e Prospecção Tecnológica. Atua, desde 2012 nas áreas de fotografia, fotojornalismo, fotografia e acessibilidade, acessibilidade em mídias digitais, gestão da informação e educomunicação.

FERNANDA VASCONCELOS

Atualmente acadêmica de Jornalismo - Bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria campus Frederico Westphalen - RS. Possui curso Técnico em Administração integrado ao Ensino Médio no Colégio Tableau (2017). Possui curso de Inglês pela Escola de Idiomas CNA, Pindamonhangaba (2018). Atuante como voluntária no Projeto de extensão Agência Da Hora No Combate À Desinformação: jornalismo colaborativo, checagem de fatos e curadoria de informações durante a pandemia. E atualmente bolsista do Projeto de extensão Vídeo Entre-Linhas: educomuniação no apoio ao componente curricular Desenvolvimento Local durante a Covid-19. Colaborou como monitora da disciplina de Fotografia e Sociedade da Universidade Federal de Santa Maria (2020).

MARCELO R. GOBATTO

Artista visual e pesquisador. Atualmente desenvolve pesquisa de Pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGEDU/UFRGS com a pesquisa intitulada “Processo de formação audiovisual com indígenas: outros tempos, outros espaços, outras narrativas?”. Realizou o doutorado em Poéticas Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS (2009), onde desenvolveu pesquisa sobre a montagem e narrativa no cinema. Professor adjunto do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande - ILA/FURG desde 2010. É um dos idealizadores e coordenadores da Fresta - Mostra Audiovisual Experimental, realizada desde 2016.

JOSÉ ALIRIO PEÑA ZERPA

Cursante Becario de la OIM en el Profesorado Universitario para el Nivel Secundario y Superior (Universidad Austral/ Buenos Aires- Argentina, 2020- en curso). Tesista del Doctorado en Ciencias Sociales (Universidad Central de Venezuela-UCV/ Caracas-Venezuela). Magíster Scientiarum en Comunicación Social (Universidad Central de Venezuela-UCV/ Caracas-Venezuela,2013). Realizó estudios de Cine en la Escuela de Cine y Televisión de Caracas (ESCINETV- Caracas/Venezuela, 2009-2011). Profesional Corporate Management Specialization (Preston University- Wyoming/ USA, 2003). Indústriólogo (Universidad Católica Andrés Bello- UCAB/ Caracas- Venezuela, 2000).

ALEJANDRO JIMÉNEZ ARRAZQUITO

Profesor - investigador de tiempo completo en la Facultad de Ciencias de la Comunicación de la Benemérita Universidad Autónoma de Puebla en donde forma parte del Cuerpo Académico Consolidado: Imagen, Memoria e Investigación Social. Licenciado en Ciencias de la Comunicación por la Universidad de las Américas-Puebla y Maestro en Psicología Clínica y Psicoterapia por la Universidad Iberoamericana Puebla. Actualmente cursa el Doctorado en Medios, Comunicación y Cultura en la Universidad Autónoma de Barcelona con el proyecto de investigación: Discursos sobre lo gay en el cine mexicano de ficción. Ha impartido asignaturas como Lenguaje audiovisual, Apreciación cinematográfica, taller de vídeo documental, seminario de análisis fílmico y taller de producción audiovisual. Como investigador, estudia representaciones socioculturales en el medio audiovisual a través del análisis de los recursos narrativos y estéticos. Ha participado en eventos académicos y en publicaciones nacionales e internacionales. Forma parte de la Red Iberoamericana de Narrativas Audiovisuales. Adicionalmente, se ha desempeñado como realizador de documentales obteniendo becas y reconocimientos por proyectos en el FONCA, el FOESCA y el Festival Internacional de Cine de Morelia, entre otros.

JOEL FELIPE GUINDANI

Docente Adjunto na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Docente permanente no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa, (Stricto Sensu), da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Estudou bacharelado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e em licenciatura pela Universidade Paulista (UNIP). Bacharel em Comunicação social (Rádio e TV), pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Realiza projetos de pesquisa , extensão e produção técnica em: audiovisual, mídia sonora e cinema com interfaces teórico-metodológicas em filosofia, etnografia, cidadania, movimentos sociais e indústria criativa. Integrante dos seguintes grupos de pesquisa: Processos e Práticas em Atividades Criativas e Culturais" (UNIPAMPA/CNPq); “Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento" (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH, da Universidade de Santo Amaro - UNISA). Pesquisador do Observatório Missioneiro de Atividades Criativas e Culturais (OMiCult).

ADLER CORREA

Capixaba, leitor de Sontag, cursou alguns semestre de Filosofia (UFES) antes de se embrenhar pelo Cinema (UFPel). Como realizador já atuou como montador, produtor, roteirista e diretor. Seu filme Abraços, Aline (2019) já passou nos festivais Kinoforum, Adélia Sampaio, Mostra Filme Livre e segue viajando por esse mundão.

FIONA MARIA

Técnica em Comunicação Visual e paulista apaixonada pelo interior, estuda Cinema para entender a motivação das horas gastas em frente à TV. Diretora dos curtas Rolê Torto (2019) e Cabresto (2019), gosta de fazer filmes sobre pessoas e trabalhar exaustivamente, mas não tanto.

JEAN AMARAL

Rio-grandino graduando em Cinema e Audiovisual na UFPel. Atuou majoritariamente como produtor e atualmente atua no campo da direção. Dirigiu o videoclipe “Aproveitar” de Isaque Acosta, organizou e ministrou aulas na Oficina de Cinema do IFRS-Rio Grande, a OFCINE, como também participou da organização da 1º Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande.

LUIZ FERNANDO RODOLFO

Porto-alegrense, anti-bairrismos e interessado no audiovisual e em cultura num geral. Quero aprender a me comunicar e ser Caio Fernando Abreu (ao menos o Nando já tenho em comum).

LAUREN MATTIAZZI DILLI

Graduanda em Cinema e Audiovisual na UFPel, curadora e programadora do Zero4 Cineclube. Trabalhou com produção em alguns curtas, e começou sua aventura pelo universo da crítica cinematográfica.

LAURA FRIGO

Paulista meio mineira que o Cinema e Audiovisual (UFPel) carregou pro Rio Grande do Sul. Dirigiu o filme Mãe (2018) e é interessada em toda e qualquer forma de arte visual. Se perde nas histórias que inventa e só vive se for pra inventar.

MANU ZILVETI

Manu Zilveti é formada em Produção de Áudio e Vídeo na ETEC Jornalista Roberto Marinho e atualmente cursa Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Pelotas, cidade em que faz a curadoria e organiza a Mostra de Cinema Negro de Pelotas. É também diretora e roteirista de Outro Tempo e Abraços, Aline curta-metragens que passaram por dezenas de festivais e mostras pelo país. Manu Zilveti é formada em Produção de Áudio e Vídeo na ETEC Jornalista Roberto Marinho e atualmente cursa Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Pelotas, cidade em que faz a curadoria e organiza a Mostra de Cinema Negro de Pelotas. É também diretora e roteirista de Outro Tempo e Abraços, Aline curta-metragens que passaram por dezenas de festivais e mostras pelo país.

CURADORES

ANDRÉ BERZAGUI

Graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Participa do projeto de extensão Zero4 Cineclube e escreve para o blog Apichatpong. Realizou projetos cinematográficos com o coletivo Saturno Filmes, dentre eles: Um Lugar ao Sul (montador), Flamingos(montador), Não Acredito no Inferno (diretor), Construção (montador) e Pot-Pourri (diretor e montador). Fez curadoria 2º Mostra de Rio Grande de Cinema Latino Americano (2020) e Levante – Festival de Curtas-Metragens de Pelotas (2021).

JACKELINE NUNES

Paulista de sangue paulista de sangue baiano, é técnica em Comunicação Visual pela ETEC Tiqatira. Estuda Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Pelotas, cidade gaúcha onde mora atualmente. É artista desde que é gente, transita entre a ilustração, o design, a fotografia e o cinema.

LUCAS HONORATO

Graduando em Cinema de Animação pela UFPel. Fã da metalepsis e colagens. Curador, realizador, pesquisador e militante do Cinema Negro e das decoloniaidades. Um dos fundadores e curadores da Mostra de Cinema Negro de Pelotas (2017-2020); um dos curadores vencedores da MAC-Cine Esquema Novo pela UFPel(2019) e de outros processos curatoriais. Possui passagem em festivais como o FestcurtasBH, Animamundi, Zóximo Bulbul, Gramado e outros, com os filmes: Céu da Boca (2019), Homem Atrás da Janela (2020) e Bicha Camelé (2017), dentre outros.

ROSÂNGELA FACHEL

Mestre e Doutora em Literatura Comparada (UFRGS), graduação em Comunicação Social, Publicidade Propaganda (PUCRS). Atualmente é Professora Visitante do Mestrado em Artes Visuais da UFPel, Brasil. Pesquisadora nos grupos “Cinema Latino-Americano”, da Universidade Federal Fluminense (UFF); “Cinema da América Latina e Vanguardas Artísticas” (GECILAVA), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Integra a Red Iberoamericana de Investigación en Narrativas Audiovisuales (RedINAV) e a Red de Investigadores sobre Cinema Latinoamericano (RiCiLa). Atuou como colaboradora nos festivais: Fantaspoa, FAM – Florianópolis Audiovisual Mercosul e FIS-MED – Festival Internacional de Séries Web.

Projeto gráfico

Camila Soares

Eduarda Silveira

Revisão textual

Aléxis Góis

Tradução

Rosângela Fachel

Tratamento de imagens

Eduarda Silveira

Ministério da Educação

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Reitor

Júlio Xandro Heck

Pró-reitora de Administração

Tatiana Weber

Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional

Amilton de Moura Figueiredo

Pró-reitor de Ensino

Lucas Coradini

Pró-reitora de Extensão

Marlova Benedetti

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Eduardo Girotto

Diretor-geral do Campus Rio Grande

Alexandre Jesus da Silva Machado

Diretora de Extensão

Gislaine Silva Leite

Prefeitura Municipal de Rio Grande

Prefeito

Alexandre Duarte Lindenmeyer


Secretário de Município da Cultura

Ricardo Freitas

SESC - Fecomércio Senac

Gerente de Unidade Sesc Rio Grande e Sesc Chuí

Andre Minoru Chim Miki



ficha técnica da 2ª Mostra de Cinema Latino - Americano de Rio Grande

Idealização

Raquel Andrade Ferreira
Rôsângela Fachel
Gianluca Cozza
Victor Pinheiro
coordenação Raquel Andrade Ferreira

Produção executiva

Victor Pinheiro

Diretor Criativo

Gianluca Cozza

Curadoria

André Berzagui
Jaqueline Nunes
Lucas Honorato
Rôsângela Fachel

Assistente de produção

Gabrielle Peres
Fernanda Paz

Site

Cassiana Silveira
Victor Amaral

Edição de conteúdo

Kimberly Martins

Identidade visual

Camila Soares
Guilherme Alcântara

Acessória de imprensa

Andréa Cardoso
Brenda Pacheco
Lisandra Miranda
Maria Rita Rolim
Marina Fernandes
Mell Souza

Colaboradores

Adryan Copello
Angelita Fialho
Dardo Bornia Jr
Miguel Albuquerque



